



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**



**CELINEIDE CAMÕES DOS SANTOS**

**ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DA TERMINOLOGIA DAS  
ENFERMIDADES OCULARES NA BAHIA (ALAGOINHAS, EUCLIDES  
DA CUNHA, JEREMOABO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Feira de Santana-BA  
2022

**CELINEIDE CAMÕES DOS SANTOS**

**ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DA TERMINOLOGIA DAS  
ENFERMIDADES OCULARES NA BAHIA (ALAGOINHAS, EUCLIDES  
DA CUNHA, JEREMOABO)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Orientador (a):** Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo

Feira de Santana-BA  
2022

**Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS**

Santos, Celineide Camões dos  
S234e Estudo léxico-semântico da terminologia das enfermidades oculares na Bahia (Alagoinhas, Euclides da Cunha, Jeremoabo) / Celineide Camões dos Santos. - 2022.  
85f.: il.

Orientador: Sandro Marcio Drumond Alves Marengo

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2022.

1. Variação terminológica. 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 3. Enfermidades oculares. I. Marengo, Sandro Marcio Drumond Alves, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801

## TERMO DE APROVAÇÃO

### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

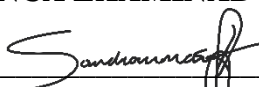
#### ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DA TERMINOLOGIA DAS ENFERMIDADES OCULARES NO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB - ALAGOINHAS, EUCLIDES DA CUNHA, JEREMOABO)

#### CELINEIDE CAMÕES DOS SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 04.03.2022.

#### BANCA EXAMINADORA:



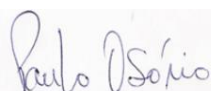
---

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo  
Universidade Estadual de Feira de Santana  
Universidade Federal de Sergipe  
Orientador



---

Prof. Dr. Patricio Nunes Barreiros  
Universidade Estadual de Feira de Santana  
Examinador Interno



---

Prof. Dr. Paulo Osório  
Universidade da Beira Interior  
Examinador Externo

*Este trabalho é dedicado à profa. Dra. Jacyra  
Andrade Mota, idealizadora do Projeto ALiB.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me ter permitido servi-lo e ser um instrumento em sua obra divina.

Meus sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana pela oportunidade de desenvolver a pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, por me guiar nesta jornada.

Ao Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros e ao Prof. Dr. Paulo Osório pelas valiosas contribuições quando do exame de qualificação.

À professora Dra. Josane Moreira de Oliveira pelos direcionamentos na pesquisa científica ainda na graduação.

Aos Professores do PPGEL pelos conhecimentos partilhados e direcionamentos dados durante o curso nas diversas disciplinas.

À equipe do Projeto ALiB, em especial, às professoras Jacyra Andrade Mota e Silvana Soares Costa Ribeiro pela generosidade em disponibilizarem materiais para compor o *corpus* da pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho do Centro Proinfância Jovino Tavares pela força e incentivos que sempre me deram.

Aos participantes da pesquisa, pois sem eles, este trabalho não seria realizado.

À minha família, pelo amor, apoio e compreensão.

## RESUMO

Este estudo buscou investigar as variações terminológicas de enfermidades oculares, a partir de dados coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nas cidades de Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo. O *corpus* deste estudo foi constituído por um Questionário Semântico-Lexical referente à área semântica do corpo humano e análises das denominações correspondentes às seis perguntas: 091 – cego de um olho; 092 – vesgo; 093 – míope; 094 – terço/viúva; 095 – conjuntivite/dor d’olhos; 096 – catarata. O nosso objetivo foi analisar os dados sistematizados, de modo comparativo entre as localidades de Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo, levando em consideração as variáveis socioculturais: sexo, faixa etária e localidade, para entender os usos das terminologias referentes às enfermidades oculares. Esta investigação fundamentou-se nos pressupostos teóricos de Weinreich, Labov e Herzog, (2006, 1968); Labov (1972,2008); na Sociolinguística de Terceira Onda (ECKERT, 2002); além dos estudos de Cabré (1993); Biderman (1996); Krieger e Finatto, (2008); Faulstich (1995); Cardoso (1996). Objetivamos com esta pesquisa além de conhecer as diferentes variantes terminológicas de enfermidades oculares, também verificar as variáveis socioculturais que favorecem o uso das variantes linguísticas. Desse modo, os resultados deste trabalho buscam ampliar os estudos sobre o léxico das enfermidades oculares, bem como divulgar os dados do Projeto ALiB e contribuir para as pesquisas desenvolvidas no campo da Sociolinguística, da Dialetoлогия e da Socioterminologia.

**Palavras-chaves:** Variação terminológica. Projeto ALiB. Enfermidades oculares.

## ABSTRACT

This study seeks to investigate the terminological variations of eye diseases; based on data collected by the Project Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) team in Alagoinhas, Euclides da Cunha, and Jeremoabo. The corpus of this study consisted of a Semantic-Lexical Questionnaire referring to the semantic area of the human body and the names corresponding to the six questions were analyzed: 091 – blind in one eye; 092 - Cross-eyed; 093 – myopic; 094 – third/strabismic; 095 – conjunctivitis/pain in the eyes; 096 – cataract. Our objective is to analyze the systematized data, in a comparative way between the locations of Alagoinhas, Euclides da Cunha, and Jeremoabo, taking into account the sociocultural variables: gender, age group, and location, to understand the uses of terminology concerning eye diseases. This investigation is based on the theoretical assumptions of Weinreich, Labov, and Herzog, (1968, 2006); Labov (2008 [1972]); in Third Wave Sociolinguistics (ECKERT, 2002); in addition to the studies by Cabré (1993); Biderman (1996); Krieger and Finatto, (2008); Faulstich (1995); Cardoso (1996). In addition to knowing the different terminological variants of eye diseases, our objective with this research was to verify the sociocultural variables that favor the use of linguistic variants. Thus, the results of this work seek to expand studies on the lexicon of eye diseases and disseminate data from the ALiB Project and contribute to research carried out in the field of Sociolinguistics, Dialect Socioterminology.

**Keywords:** Terminological variation. ALiB Project. Eye diseases.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista aérea da cidade de Jeremoabo	42
Figura 2 -	Mapa da cidade de Jeremoabo	43
Figura 3 -	Vista aérea da cidade de Alagoinhas	45
Figura 4 -	Mapa da cidade de Alagoinhas	45
Figura 5 -	Vista aérea da cidade de Euclides da Cunha	47
Figura 6 -	Mapa da cidade de Euclides da Cunha	47
Figura 7 -	Carta do QSL-91 “Pessoa que só enxerga com um olho”	50
Figura 8 -	Carta do QSL-92 “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”	56
Figura 9 -	Carta do QSL-93 “Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos”	62
Figura 10 -	Carta do QSL-94 “Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”	68
Figura 11 -	Carta do QSL-95 “Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”	72
Figura 12 -	Carta do QSL-96 “Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”	77

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Áreas semânticas do QSL	39
Quadro 2 -	Rede de pontos do Estado da Bahia	40
Quadro 3 -	Dicionarização dos termos para “Pessoa que só enxerga com um olho”	55
Quadro 4 -	Dicionarização dos termos para “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”	61
Quadro 5 -	Dicionarização dos termos para “Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos”	67
Quadro 6 -	Dicionarização dos termos para “Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”	71
Quadro 7 -	Dicionarização dos termos para “Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”	76
Quadro 8 -	Dicionarização dos termos para “Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Oftalmologistas inscritos no CREMEB	22
Tabela 2 -	Relação de trabalhos com os dados do Projeto ALiB	37
Tabela 3 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por localidade	51
Tabela 4 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição Por sexo	52
Tabela 5 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por faixa etária	53
Tabela 6 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por localidade	57
Tabela 7 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por sexo	58
Tabela 8 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por faixa etária	60
Tabela 9 -	Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por localidade	63
Tabela 10 -	: Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por sexo	64
Tabela 11 -	Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por faixa etária	66
Tabela 12 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por localidade	69
Tabela 13 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por sexo	70
Tabela 14 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por faixa etária	71
Tabela 15 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por localidade	73
Tabela 16 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por sexo	74
Tabela 17 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por faixa etária	75
Tabela 18 -	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por localidade	78
Tabela 19	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por sexo	79
Tabela 20 -	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por faixa etária	80

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por localidade	52
Gráfico 2 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por sexo	53
Gráfico 3 -	Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por faixa etária	54
Gráfico 4 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por localidade	58
Gráfico 5 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por sexo	59
Gráfico 6 -	Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por faixa etária	61
Gráfico 7 -	Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por localidade	64
Gráfico 8 -	Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por sexo	65
Gráfico 9 -	Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por faixa etária	67
Gráfico 10 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por localidade	69
Gráfico 11 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por sexo	70
Gráfico 12 -	Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por faixa etária	71
Gráfico 13 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por localidade	74
Gráfico 14 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por sexo	75
Gráfico 15 -	Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por faixa etária	76
Gráfico 16 -	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por localidade	79
Gráfico 17 -	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por sexo	80
Gráfico 18 -	Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por faixa etária	81

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico do Estado do Mato Grosso do Sul
BA	Bahia
CBO	Conselho Brasileiro de Oftalmologia
CEM	Código de Ética Médica
CREMEB	Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia
Dr.	Doutor
Dra.	Doutora
EF	Ensino Fundamental
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
F1	Faixa etária dos 18 aos 30anos
F2	Faixa etária dos 50 aos 65 anos
FAPESB	A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
H	Homem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
M	Mulher
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Profa.	Professora
Prof.	Professor
PIBIC	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PROBIC	Programa de Bolsa de Iniciação Científica
PB	Português brasileiro
QSL	Questionário Semântico-Lexical
SOFBA	Sociedade de Oftalmologia da Bahia
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TSCT	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
1.1 A GÊNESE DA DISSERTAÇÃO	15
1.2 PERGUNTAS DA PESQUISA	17
1.3 HIPÓTESES	17
1.4 OBJETIVOS	18
1.5 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	18
1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	19
1.7 BREVE HISTÓRIA DA OFTALMOLOGIA	19
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>23</b>
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS	23
2.2 DIALETOLOGIA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS	25
2.3 CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA	29
2.4 ESTUDOS DESENVOLVIDOS	32
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>35</b>
3.1 O PROJETO ALiB	35
3.2 OS DADOS DO PROJETO ALiB (QUESTIONÁRIOS, COLETA DE DADOS E AS VARIÁVEIS)	36
<b>3.2.1 Questionários do Projeto ALiB</b>	<b>38</b>
<b>3.2.2 A rede de pontos</b>	<b>40</b>
3.3 O CORPUS DA PESQUISA	41
<b>3.3.1 A cidade de Jeremoabo</b>	<b>41</b>
<b>3.3.2 A cidade de Alagoinhas</b>	<b>43</b>
<b>3.3.3 A cidade de Euclides da Cunha</b>	<b>45</b>
3.4 VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS	47
<b>4 VISITANDO OS DADOS</b>	<b>48</b>
4.1 QSL-91: PESSOA QUE SÓ ENXERGA COM UM OLHO	49
<b>4.1.1 Descrição dos dados do QSL-91 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>50</b>
<b>4.1.2 Análise semântica: QSL-91</b>	<b>53</b>

4.2 QSL-92: PESSOA QUE TEM OS OLHOS VOLTADOS PARA DIREÇÕES DIFERENTES	55
<b>4.2.1 Descrição dos dados do QSL-92 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>56</b>
<b>4.2.2 Análise semântica: QSL-92</b>	<b>59</b>
4.3 QSL-93: PESSOA QUE NÃO ENXERGA DE LONGE E TEM QUE USAR ÓCULOS	60
<b>4.3.1 Descrição dos dados do QSL-93 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>61</b>
<b>4.3.2 Análise semântica: QSL-93</b>	<b>65</b>
4.4 QSL-94: BOLINHA QUE NASCE NA PÁLPEBRA, FICA VERMELHA E INCHA	66
<b>4.4.1 Descrição dos dados do QSL-94 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>67</b>
<b>4.4.2 Análise semântica: QSL-94</b>	<b>69</b>
4.5 QSL-95: INFLAMAÇÃO NO OLHO QUE FAZ COM QUE O OLHO FIQUE VERMELHO E AMANHEÇA GRUDADO	70
<b>4.5.1 Descrição dos dados do QSL-95 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>71</b>
<b>4.5.2 Análise semântica: QSL-95</b>	<b>74</b>
4.6 QSL-96: PELE BRANCA NO OLHO QUE DÁ EM PESSOAS MAIS IDOSAS	75
<b>4.6.1 Descrição dos dados do QSL-96 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária</b>	<b>76</b>
<b>4.6.2 Análise semântica: QSL-96</b>	<b>79</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta seção, apresentaremos o percurso seguido até a concretização da pesquisa, a proposta do estudo, os questionamentos que perpassam a investigação e as hipóteses levantadas, os objetivos que norteiam o trabalho em foco, os pontos relevantes e a justificativa para a realização do trabalho.

### 1.1 A GÊNESE DA INVESTIGAÇÃO

Minha trajetória acadêmica começou em 2010, quando iniciei o curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). No decorrer do curso, atuei como voluntária no Programa PORTAL (Ensino/aprendizagem de línguas modernas para a cidadania, inclusão social, diálogo multi e intercultural), no qual fui monitora de língua espanhola, ministrando aulas para alunos do ensino médio e graduandos da UEFS, durante o ano de 2012. Meus primeiros passos na pesquisa científica começaram quando participei do Grupo de Pesquisa LINSP (Linguagem, Sociedade e Produção de Discurso), no qual fui bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PROBIC) da UEFS no período de 2013-2014 e desenvolvi o projeto "A venda de moda em Feira de Santana: modos de referenciar a cultura pelo corpo", sob a orientação da Professora Dra. Carla Luzia Carneiro Borges.

Em 2014, me matriculei na disciplina Língua Portuguesa XI, ministrada pela Professora Dra. Josane Moreira de Oliveira. Nesse momento, me interessei pela área da Sociolinguística. Por meio dessa disciplina pude conhecer os pressupostos teóricos dos estudos de William Labov e conheci também a vertente da Sociolinguística educacional, que aborda discussões tão importantes para a formação e atuação do professor de língua portuguesa na educação básica. Acredito que a disciplina Língua Portuguesa XI foi um divisor de águas em minha formação, haja vista que a partir daí conheci o grupo de pesquisa Constituição, variação e mudança do/no português, no qual participei e, posteriormente, construí e desenvolvi o projeto "A expressão do futuro verbal em livros didáticos de língua portuguesa", vinculado ao Projeto "Variação e mudança na língua portuguesa: o futuro da escrita baiana", coordenado pela Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira, também orientadora do meu projeto de pesquisa no período de 2014-2015, quando fui bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). No campo da Sociolinguística, desenvolvi meu trabalho intitulado "O tratamento da variação linguística em



livros didáticos de língua portuguesa: uma análise sociolinguística<sup>1</sup>”, também sob a orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

Depois de terminar o curso de Licenciatura em Letras, comecei a me dedicar a concursos públicos na área do magistério. Então, veio a minha aprovação em 2º lugar para o cargo de professor, no ano de 2016, no concurso da Prefeitura Municipal da cidade de Tanquinho, no Estado da Bahia, onde atuo até hoje. Devido às demandas do meu ofício, o sonho de dar continuidade à minha formação acadêmica em nível de mestrado foi sendo adormecido. Com o passar do tempo, fui refletindo sobre a minha formação e prática docente e percebendo o quanto eu precisa retornar à academia a fim de buscar conhecimentos e aprimoramentos que pudessem aperfeiçoar minha prática docente. Em 2019, fui aprovada na seleção do Mestrado para a 10ª turma do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UEFS, o que me acarretou enorme felicidade de poder continuar pesquisando na área de Sociolinguística.

Em março de 2020, comecei a cursar as disciplinas do Mestrado. Com o início das aulas, foi preciso fazer mudanças no meu projeto de pesquisa, que passou a ser intitulado “Estudo léxico-semântico da terminologia das enfermidades oculares no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB - Alagoinhas, Euclides da Cunha, Jeremoabo). Ao longo do Mestrado, cursei várias disciplinas sobre Sociolinguística, Dialectologia, Léxico e Terminologia, o que me proporcionou subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, que foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e obteve aprovação para sua execução.

Esta pesquisa está vinculada ao Laboratório de Humanidades Digitais e Documentação Terminológica (LADOC) sediado na Universidade Federal de Sergipe que surgiu em 2017 com o objetivo de destinar trabalhos filológicos produzidos nos departamentos de História e Letras. Em 2018, o LADOC desenvolveu jogos digitais Os projetos de pesquisa que integram o LADOC são: Para a História do Português Brasileiro – A língua em Sergipe nos séculos XVIII e XIX; Atlas Linguístico do Brasil – Variação na perspectiva da Geolinguística; Lexicon Games – Jogos eletrônicos na escola; Pombalia (Para a construção de um corpus pombalino) – Edição da obra do Marquês de Pombal. Além disso, há também o Projeto de Extensão – COVID-19 – Humanidades Digitais e Terminologia. O LADOC possui diversos colaboradores, dentre eles, professores do ensino superior, alunos de Graduação e Pós-Graduação e professores da educação básica.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Letras com Língua Espanhola.

Atualmente, o LADOC é coordenado pelo prof. Dr. Sandro Drumond Marengo, conta com duas coordenadoras adjuntas, oito professores colaboradores do ensino superior, três professores da educação básica, sete alunos de doutorado, seis alunos de mestrado, além de alunos de iniciação científica.

## 1.2 PERGUNTAS DA PESQUISA

Neste estudo, foram levantados os seguintes questionamentos:

- a) Quais variáveis socioculturais são produtivas para a escolha lexical dos participantes?
- b) Quais as divergências entre os termos existentes nos dicionários e os termos utilizados pelos participantes?

## 1.3 HIPÓTESES

Acreditamos que a variável social de faixa etária favorece a escolha lexical dos participantes, pois conforme alguns estudos têm apontado, os falantes mais velhos, da faixa etária 2 utilizam determinadas variantes terminológicas, enquanto que os falantes mais jovens, da faixa etária 1 usam variantes diferentes.<sup>2</sup> Também supomos que outra variável produtiva para o uso lexical dos participantes é a localidade, considerando-se a variação diatópica e podendo haver a demarcação de áreas dialetais. Nesse sentido, há localidades nas quais os falantes tendem a utilizar algumas variantes linguísticas, e essas podem não ser usadas em outras localidades, mesmo dentro de uma mesma região ou estado.

Estudos já realizados têm revelado que algumas variantes terminológicas de enfermidades oculares de uso pela população não condizem com os termos prescritos pela literatura médica especializada. Desse modo, pensando na relação entre médico e paciente, pode não haver uma interação comunicativa efetiva entre ambos, gerando assim dificuldades na compreensão por parte dos pacientes, de diagnósticos prescritos por médicos oftalmologistas.

---

<sup>2</sup> A propósito das faixas etárias observamos que a faixa etária 1 abrange os sujeitos de 18 a 35 anos e a faixa etária 2 de 50 a 65.

#### 1.4. OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar os dados sistematizados, de modo comparativo entre as localidades de Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo, levando em conta as variáveis socioculturais: sexo, faixa etária e localidade, para entender os usos das terminologias referentes às enfermidades oculares.

Os objetivos específicos foram: a) sistematizar os dados coletados, considerando as variáveis pré-estabelecidas; e b) elaborar cartas linguísticas com os dados sistematizados.

#### 1.5. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A realização do estudo se justifica pois há poucos estudos terminológicos, no campo léxico-semântico, desenvolvidos sobre o tema das enfermidades oculares no Português Brasileiro (PB doravante). Assim, o desenvolvimento desta pesquisa contribuirá para o entendimento das diferentes variações terminológicas do PB.

É importante destacar que a escolha do *corpus* da pesquisa, as localidades de Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo se deve pelo fato de que, buscamos delimitar áreas dialetais com o intuito de encontrar um continuum linguístico entre essas cidades e outras localidades do estado de Sergipe.

No âmbito pessoal, esta pesquisa tem uma importância fundamental para minha formação, enquanto professora da educação básica e pesquisadora. Tenho me debruçado acerca do estudo da variação, dentro do campo da Sociolinguística e da Dialetologia, desde a época da graduação, quando fui bolsista de Iniciação Científica.

Além disso, tal estudo também possui grande relevância social, pois é de suma importância conhecer as diferentes variações terminológicas de enfermidades oculares em uso pela população. Eu, por exemplo, tenho uma enfermidade ocular, a miopia, e tive muita dificuldade de compreender o que é e quais suas consequências.

Nessa perspectiva acreditamos que esse tipo de investigação poderá contribuir, futuramente, na minimização de atritos na comunicação entre médico e paciente, visto que muitas vezes o médico especialista utiliza, em suas consultas, exames e diagnósticos, termos científicos que não são totalmente compreendidos pela população.

## 1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado da seguinte forma:

Inicialmente, na seção 1, apresentaremos a origem da pesquisa, isto é, os caminhos percorridos até chegar no desenvolvimento do estudo, abordaremos os questionamentos que perpassam a investigação e as hipóteses aventadas, os objetivos que nortearam o trabalho, os pontos relevantes e a justificativa para realização da pesquisa. Além disso, faremos uma breve contextualização da área da Oftalmologia no ocidente, apresentando os principais fatos e estudiosos que contribuíram para a evolução desse campo científico, bem como abordaremos como a Oftalmologia se estabeleceu no Brasil ao longo dos anos e seus principais órgãos reguladores.

Na seção 3, delineamos as concepções teóricas que fundamentam a pesquisa, evidenciando os posicionamentos teóricos-metodológicos que seguimos para a execução do trabalho. Nessa mesma seção, apresentaremos os estudos já realizados sobre o léxico de enfermidades oculares, mostrando as discussões e resultados encontrados pelos seus respectivos autores.

Na seção 3, trataremos dos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento do trabalho em uma breve contextualização do Projeto ALiB, destacando sua relevância social e científica, bem como sua rede de pontos e uma breve história das cidades utilizadas no *corpus* da pesquisa.

Na seção 4, abordaremos os questionários que serviram de *corpus*, a descrição e análise dos dados catalogados e as variantes terminológicas distribuídas nas seis cartas linguísticas elaboradas.

Na seção 5, apresentaremos os resultados constatados a partir do desenvolvimento da pesquisa. Por fim, na última seção, serão elencadas as referências utilizadas no presente trabalho.

## 1.7 BREVE HISTÓRIA DA OFTALMOLOGIA

Na Idade Média, as enfermidades eram tratadas por profissionais com pouco conhecimento especializado. Durante o século XVII, os estudos de Kepler(1571-1630)<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Johannes Kepler (1571-1630) foi um importante matemático e astrônomo alemão, responsável pela elaboração das “Leis do Movimento Planetário”.

Descartes (1596-1650)<sup>4</sup> e Christoph Scheiner (1575-1650)<sup>5</sup> trouxeram grandes contribuições para o estudo dos olhos, ao descobrirem as especificidades da refração ocular<sup>6</sup>. As descobertas científicas corroboraram para a institucionalização da Oftalmologia enquanto componente curricular do curso de Medicina na Universidade de Gottingen na Alemanha, em 1803.

No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, surgiram muitas inovações tecnológicas no campo cirúrgico para tratar de doenças oculares, com a criação de novos métodos de exames como o eletrorretinograma<sup>7</sup>, a ecografia<sup>8</sup>, a gonioscopia<sup>9</sup>, a tomografia eletrônica<sup>10</sup>. Os procedimentos realizados nesses exames possibilitaram maior precisão nos diagnósticos dos pacientes, além da conscientização da população para a realização de exames de rotina com vistas a diagnosticar precocemente algum tipo de problema ocular. Vale destacar também que nesse mesmo período foram criados bancos de olhos que se tornaram importantes para os estudos dos oftalmológicos.

A Oftalmologia foi um dos primeiros campos da medicina a ser considerada uma especialidade, e cabe aos profissionais oftalmologistas estudar, diagnosticar e tratar de enfermidades nos olhos e suas áreas correlatas. A Oftalmologia assim se ocupa não apenas dos aspectos patológicos da visão, mas também analisa a fisiologia dos olhos.

Já em 1951, foi criado um aparelho capaz de observar o interior dos olhos, cunhado por Hermann Von Helmholtz, o oftalmoscópio que tinha a capacidade relacionar deficiências visuais a estados patológicos internos. Além disso, os estudos do médico Frans Cornelis Donders<sup>11</sup>, em 1864, permitiram a correção de deficiências visuais por meio da prescrição e adaptação de óculos. A partir do século XX, surgiram cada vez mais inovações tecnológicas para o tratamento de doenças oculares, como a cirurgia para corrigir o deslocamento da retina,

---

<sup>4</sup> René Descartes (1596-1650) foi um filósofo e matemático francês, criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna.

<sup>5</sup> Christoph Scheiner origem à Filosofia Moderna.

<sup>5</sup> Christoph Scheiner (1575-1650) foi um astrônomo e jesuíta alemão que, juntamente com Galileu Galilei entre outros, principiou no início do século XVII, o desenvolvimento de estudos astronômicos através de telescópios.

<sup>6</sup> É um fenômeno que ocorre quando o feixe de luz, vindo do ambiente externo, atravessa o globo ocular para formar a imagem na retina. A incidência da luz na retina permite a formação de uma imagem nítida.

<sup>7</sup> É um exame que avalia a resposta retiniana aos estímulos luminosos e auxilia no diagnóstico e acompanhamento de várias patologias na retina.

<sup>8</sup> Também conhecida como ultrassonografia é um exame que utiliza ultrassons para avaliar as estruturas anatómicas do nosso organismo.

<sup>9</sup> É um exame que visa ajudar no diagnóstico e no acompanhamento de doenças oculares, geralmente é solicitado quando há a suspeita de que o paciente tenha glaucoma.

<sup>10</sup> É um exame que auxilia no diagnóstico por imagem de doenças e alterações em diversas partes do corpo.

<sup>11</sup> Franciscus Cornelius Donders (1818-1889) era um oftalmologista holandês reconhecido internacionalmente como autoridade em doenças oculares.

criada por Jules Gonin<sup>12</sup>. Ainda nesse mesmo século, Allvar Gullstrand<sup>13</sup> e Alfred Vogt<sup>14</sup> inventaram uma lâmpada que permitia observações microscópicas de segmentos anteriores do olho, como a córnea, a íris e outros componentes.

Ao final do século XX, com as microcirurgias, puderam-se obter resultados mais satisfatórios nas intervenções que eram consideradas de grande complexidade, como a queratoplastia<sup>15</sup>, a goniotomia.<sup>16</sup> Nesse sentido, a Oftalmologia moderna possibilitou a realização de procedimentos importantes como o método de colocação de lentes acrílicas na córnea e as cirurgias corretivas com a utilização de ecografia e raio laser. A seguir, passaremos a tratar da evolução da Oftalmologia no contexto nacional.

No Brasil, a disciplina de Oftalmologia foi inserida nos currículos dos cursos de graduação em medicina como componente curricular optativo em 1885. De acordo com Abreu et al. (2019), as consultas oftalmológicas representam 9% do atendimento médico geral e 5% das urgências. Há, portanto, uma carência de conhecimentos sobre a Oftalmologia por parte dos médicos não especialistas, o que torna necessário que o clínico geral tenha conhecimento teórico acerca da área da Oftalmologia para lidar com as diferentes situações em sua prática médica.

O Conselho Regional de Medicina do estado da Bahia (CREMEB) foi fundado em 1957, pela Lei nº 3.268, sancionada pelo presidente, Juscelino Kubitschek, e regulamentada através do Decreto nº 44.045, de 19 de julho de 1958, que atribuía autonomia financeira e administrativa ao Conselho. Este, por sua vez, é constituído por 42 conselheiros eleitos pelos médicos inscritos no estado da Bahia e possuem um mandato de cinco anos de duração. O órgão tem por finalidade supervisionar a ética dos profissionais médicos na Bahia, zelando pela conduta ética e moral da Medicina e o prestígio dos profissionais que a exercem. Cabe também disciplinar e julgar os médicos exigindo que o Código de Ética Médica (CEM) seja cumprido com rigor, bem como as normas referentes ao exercício profissional e à legislação sanitária. Conforme o CREMEB, há 898 médicos com formação na área de Oftalmologia inscritos no Conselho. Podemos conferir a relação nos dados da tabela a seguir.

---

<sup>12</sup> Foi professor de oftalmologia em Lausanne, pioneiro no procedimento de ignipuntura, a primeira cirurgia bem-sucedida para o tratamento de descolamentos de retina.

<sup>13</sup> Foi um oftalmologista sueco, que aplicou de física matemática para o estudo de imagens ópticas e da refração da luz nos olhos.

<sup>14</sup> Era um oftalmologista suíço, conhecido por seu desenvolvimento de técnicas para retinoscopia e gerenciamento cirúrgico do descolamento de retina.

<sup>15</sup> Conhecido como transplante de córnea, é um procedimento cirúrgico no qual uma córnea lesionada ou com doença é substituída por outra de um doador.

<sup>16</sup> Cirurgia oftalmológica para tratamento de glaucoma congênito primário com o objetivo de reduzir a pressão intraocular e recuperar a função visual do paciente.

Tabela 1. Oftalmologistas inscritos no CREMEB.

Inscritos	Regulares	Transferidos	Falecidos	Cancelados	Aposentados	Não exercem a profissão
898	798	40	14	45	01	01

Fonte. Autoria própria.

A Sociedade de Oftalmologia da Bahia (SOFBA) é uma sociedade civil que representa os profissionais médicos especialistas no campo da Oftalmologia do estado da Bahia. Foi fundada em 21 de agosto de 1987 e tem como objetivo reunir os oftalmologistas interessados em desenvolver pesquisas, fazer cursos de aperfeiçoamento técnico e difusão da especialidade; defender e zelar pela ética profissional; cuidar dos interesses econômicos e profissionais de seus associados; melhorar o trabalho profissional através de atividades didáticas e científicas; incentivar a divulgação de trabalhos científicos referentes à área da Oftalmologia por meio de revistas e periódicos; promover campanhas educativas e manter o intercâmbio com outras instituições. As atividades administrativas da SOFBA são desempenhadas pela Diretoria composta por cinco membros, pelo Conselho Fiscal constituído por seis membros, e pelo Conselho Consultivo formado por cinco membros.

Além da SOFBA, o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), órgão formado por médicos oftalmologistas brasileiros com caráter cultural e científico, possui as seguintes incumbências: a) representar nacional e internacionalmente a Oftalmologia brasileira; b) zelar pela ética e eficiência técnica e profissional do médico oftalmologista; c) preservar o exercício da Oftalmologia e defender os direitos sociais, econômicos e profissionais dos oftalmologistas brasileiros; d) contribuir para a elevação do nível da área da Oftalmologia no território nacional e internacional; e) organizar e promover atividades culturais e científicas, como congressos, cursos, simpósios, e projetos que visem a melhoria da saúde ocular; f) fiscalizar e incentivar as sociedades oftalmológicas filiadas ao CBO e os eventos por ele reconhecidos; g) fomentar o desenvolvimento de pesquisas na área da Oftalmologia; e h) promover e estimular a promoção de campanhas sociais que visem preservar e recuperar a saúde dos olhos da população brasileira.

Nessa seção, explanamos uma breve história da Oftalmologia no Brasil, apresentamos os órgãos relacionados à área da medicina, que regulam a atuação dos profissionais médicos no país. A seguir, passamos a apresentar a fundamentação teórica que serviu de embasamento para o desenvolvimento do nosso trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, trataremos do aporte teórico que embasa a pesquisa, apresentando os principais campos de estudo, como a Sociolinguística Laboviana e uma breve discussão das três ondas da Sociolinguística. Em seguida, apresentaremos um breve aporte teórico da área de Dialetologia. Essas duas primeiras subseções são importantes, porque o Projeto ALiB, no qual esta pesquisa se centra, trabalha nessas duas searas. Na sequência, vamos nos deter nas Ciências do Léxico, particularmente na Lexicologia e na Terminologia, que são o objeto da nossa dissertação. Certamente, exploraremos um pouco mais as questões terminológicas, sobre as quais residem a nossa análise. Por fim, faremos uma breve revisão da literatura com os estudos brasileiros que se centraram sobre as variações terminológicas de enfermidades oculares. Vale destacar aqui que não há muitos estudos no português brasileiro sobre esse tema. Objetivamos fazer uma breve apresentação dos campos e apresentar de modo pontual as teorias e conceitos-chaves que são importantes para as análises propostas nesta dissertação.

### 2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

A Sociolinguística é um ramo da Linguística, concebida como uma ciência interdisciplinar, em que a relação entre linguagem, sociedade e cultura é indissociável. A Sociolinguística busca estudar as línguas naturais humanas em situações reais de comunicação e tem como objeto de estudo o fenômeno da variabilidade linguística.

Os estudos sociolinguísticos tiveram visibilidades a partir do ano de 1964 em um congresso que aconteceu na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no qual estavam presentes grandes estudiosos da língua como William Labov, Dell Hymes e William Bright. Posteriormente, foram publicados em 1966 diversos trabalhos reunidos na obra *Sociolinguistics*, a partir daí fica fixada a nova área de estudos denominada Sociolinguística. De acordo com Alkmim (2012), estavam definidos na obra *Sociolinguistics* um conjunto de fatores sociais com os quais a diversidade linguística está relacionada, que são a identidade social, o contexto social e o julgamento social.

Para Labov (2008), o estilo de falar pode variar em um mesmo falante, e existe a adequação linguística de monitoramento do discurso a partir da necessidade que o falante tem dentro dos papéis sociais que assume. Portanto, a língua varia em um *continuum* de urbanização referente aos atributos sociológicos dos falantes, um *continuum* oralidade/letramento que se



relaciona às práticas sociais dos indivíduos e a monitoração estilística que está relacionada à cognição de planejamento no ato da enunciação.

As variáveis sociais e linguísticas são fatores que influenciam de maneira preponderante o uso das formas linguísticas. A dinamicidade é uma característica das línguas e confirma a variabilidade linguística inerente a todas as línguas naturais humanas. A variação linguística não é um caos, uma vez que pode ser descrita e analisada cientificamente. As escolhas de utilização das formas linguísticas pelos falantes são condicionadas por fatores estruturais e sociais. Mesmo dentro de uma mesma área dialetal, os falantes podem utilizar a língua de formas diferentes. Mollica (2010) assinala que:

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever o comportamento regular e sistemático. A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores (p. 11).

A comunidade de fala é compreendida como grupo de pessoas de uma determinada localidade que partilha traços linguísticos semelhantes, que mantém contato habitual por meio da língua. Para Hymes (1974, *apud* Bagno, 2017) a comunidade de fala é definida como um grupo indivíduos que “partilha o conhecimento das regras para a conduta e a interpretação da fala. Esse compartilhamento compreende o conhecimento de pelo menos uma forma de fala e também o conhecimento de seus padrões de uso. Ambas as condições são necessárias” (p.53). Nesse contexto, não se concebe a comunidade de fala como um grupo de falantes que usa todos a mesma forma linguística, mas sim um grupo que compartilham um conjunto de atitudes sociais para o uso da língua.

Segundo Faraco (2008), em uma comunidade linguística não há apenas uma única norma, mas sim coexistem várias normas, haja vista que uma comunidade linguística é constituída por diversas comunidades de práticas. Nas palavras de Faraco (2008) “Pode-se entender por comunidade de prática um agregado de pessoas que partilham experiências coletivas no trabalho, nas igrejas, nas escolas, nos sindicatos e associações, no lazer, no cotidiano da rua e do bairro etc.” (p. 38). Em cada comunidade poderá existir formas específicas de falar, e o falante poderá variar sua fala conforme à comunidade de prática na qual está inserido. Desse modo, o falante vai adequando a sua linguagem às necessidades de se expressar em cada grupo.

Pode-se verificar que os estudos sobre a diversidade linguística têm avançado cada vez mais, revelando assim a sua complexidade. Observa-se que os modelos sociolinguísticos de

investigação pautados na análise e categorização dos fatores sociais como idade, escolaridade, status social, etnia não dão mais conta de explicar o fenômeno da variação linguística. Portanto, faz-se necessário considerar também as diversas redes de relações sociais com as quais os falantes interagem.

A primeira e segunda ondas da Sociolinguística foram lideradas pelo William Labov. A primeira onda busca estudar as variedades linguísticas considerando a correlação entre as variáveis linguísticas e sociais, pautada no método quantitativo de coleta e análise de dados. Já a segunda onda apresenta uma característica etnográfica, englobando categorias sociais e demográficas mais abstratas, focando em comunidades menores com o objetivo de identificar as categorias sociais mais produtivas para a ocorrência dos fenômenos linguísticos em uma determinada localidade. Tanto a primeira quanto a segunda onda trabalham com o conceito de comunidade de fala. Já a terceira onda da Sociolinguística, liderada por Penélope Eckert, trabalha com o preceito de comunidade de prática, que se refere ao conjunto de pessoas que se acercam em torno de uma determinada prática social e busca compreender as variações a partir dos papéis sociais dentro de determinada prática da linguagem. Desse modo, o contexto social tem o poder de moldar a prática.

Este trabalho está inserido parcialmente dentro do campo da Sociolinguística, com vistas particulares à terceira onda. Nosso alinhamento se justifica, sobretudo, na nossa escolha de pautar as análises no conceito de comunidade de prática. A seguir, passaremos a apresentar a área de Dialetoлогия e suas concepções teóricas.

## 2.2 DIALETOLOGIA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Os estudos dialetais no Brasil tiveram marco inicial com a publicação da obra “Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral, em 1920. Dialetoólogos brasileiros, como Nascentes (1953), Marroquim (1945), Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), salientam a importância que a referida obra teve para o conhecimento do português brasileiro, bem como a consolidação da Dialetoлогия como um campo de investigação e as contribuições que puderam suscitar na realização de outras pesquisas. Podemos destacar dois aspectos fundamentais presentes na obra de Amadeu Amaral: 1) a tentativa de descrição do falar regional brasileiro, considerando seus aspectos morfológico, lexical, fonético e sintático; 2) a implementação de uma metodologia própria e consistente, como a necessidade da realização de pesquisa *in locu* para coleta de dados, o uso de dados somente catalogados pelo pesquisador, além da objetividade na descrição das

ocorrências e no registro as formas. Desse modo, seguindo a critérios rigorosos e agindo de forma imparcial, certamente, pode-se dar mais credibilidade aos dados da pesquisa.

Considerando-se os critérios de pesquisa estabelecidos por Amaral (2020), outros trabalhos surgiram nesta perspectiva de investigação, como os estudos de Nascentes (1923), explicitados na obra “O linguajar carioca”, também considerada de grande relevância na primeira fase da Dialectologia no Brasil. Nessa obra, o autor propôs um mapa dialetológico do Brasil, que estabelecia a divisão para os falares distribuídos em áreas dialetais. Contudo, posteriormente, a obra passou por reformulações e foi republicada em 1953. Nascentes (1953) apresenta na referida obra algumas propostas de divisão dialetal do Brasil.

A proposta de Ribeiro (1881), que está pautada em questões geográficas. O autor dividiu o país em quatro áreas: 1) Norte; 2) Leste; 3) Centro; 4) Sul. Apresenta ainda a proposta de Maximino Maciel (1950), que dividiu o Brasil em três áreas: 1) Brasilio-guianense ou setentrional; 2) Idioletos – estaduais ou centrais; 3) Brasilio-castelhana ou meridional. Ainda, a proposta de Rodolfo Garcia (1915), que se centrou em critérios geográficos e históricos, dividindo o país em cinco áreas: 1) Norte; 2) Norte-oriental; 3) Central-marítima; 4) Meridional; 5) Altiplana-central. Apresenta ainda, a divisão do próprio Nascentes (1922), mostrando as quatro áreas dialetais: 1) Nortista; 2) Fluminense; 3) Sertaneja; 4) Sulista. Por fim, Nascentes (1953) apresenta a sua proposta de divisão dialetal reelaborada, que dessa vez, distribui o falar brasileiro nas seguintes áreas: 1) Amazônico; 2) Nordeste; 3) Baiano; 4) Mineiro; 5) Fluminense; 6) Sulista. Além dessas, um território que o denominou de incharacterístico.

Nesse sentido, todas essas tentativas de sistematização e divisão dos falares do português brasileiro trouxeram grandes contribuições para o conhecimento da diversidade linguística no Brasil. Os estudos de Nascentes (1953), serviram de referência para diversas pesquisas dialetológicas que buscaram verificar, sobretudo, as áreas dialetais definidas pelo autor. Algumas pesquisas têm apontado, que se faz necessário a revisão da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), haja vista que os dados empíricos têm revelado que algumas áreas dialetais não condizem com a realidade linguística atual.

Para tanto, podemos citar o estudo de Ribeiro (2012), no qual a autora realizou um estudo sobre o falar baiano, em sua tese de doutoramento, a fim de atestar áreas dialetais. Nesse trabalho, a autora usou como *corpus* 57 localidades, em que foram entrevistados 244 informantes, os inquéritos pertencem ao banco de dados do Projeto ALiB, correspondentes à área semântica “Jogos e diversões infantis” do QSL, no qual foram analisadas 13 perguntas. A

partir de seu estudo, a referida autora constatou que é possível delinear áreas dialetais por meio do léxico e verificando a proposta de Nascente (1953), afirma que,

A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade na unidade*. (In. RIBEIRO, 2012, p. 449).

Os dados indicaram a existência de uma área denominada Falar Baiano e as lexias puderam revelar a variação diatópica presente nas áreas estudadas.

Dando continuidade aos pressupostos teóricos que alicerçam este trabalho, buscamos mostrar a correlação existente entre as áreas da Sociolinguística e da Dialectologia, que na concepção de Cardoso (2010), são vistas muitas vezes como sinônimas, embora existam diferenças marcantes entre elas. Por exemplo, ambas se ocupam da diversidade e uso da língua. No entanto, dão um tratamento particular ao seu objeto de estudo. Conforme destaca a autora,

A Dialectologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma como eminentemente diatópica. A Sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação dos fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010, p. 26).

Dessa forma, a Dialectologia se centra no estudo dos dialetos, buscando investigar as variações espaciais em suas diferenças diatópicas. Ainda parafraseando Cardoso (2010), a Dialectologia é um campo de estudos linguísticos, cujos objetivos são identificar, descrever e situar a diversidade da língua de acordo sua distribuição espacial, cronológica e sociocultural. As particularidades de cada região mostram a diversidade da língua, bem como seus aspectos culturais.

Os estudos dialetológicos preconizam a variação geográfica. Coseriu (1982) afirma que o dialeto compreende aspectos sociais e espaciais e é visto como um sistema funcional, de caráter concreto dentro de uma língua histórica, que não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar interdependentes. A difusão espacial dos fenômenos linguísticos ocorre por diversos fatores como, por exemplo, a avaliação em relação ao outro e de sua variedade linguística, as regiões mais favorecidas economicamente, tendem a serem prestigiadas pela sociedade.

Por outro lado, regiões mais pobres são alvos de estigma e preconceito. Para Dubois (1978, p. 188), “[...]dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático

e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua”. O autor Montes Giraldo (1987) elenca três níveis dialetais existente entre língua e registro, são eles: 1) o superdialeto, que corresponde à um conjunto de variedades que compartilham traços e normas; 2) o dialeto, que refere-se à variedade incluída dentro do superdialeto e; 3) o subdialeto, que corresponde à divisão do dialeto. Para o autor, essa divisão é subjetiva e depende das necessidades do objeto de estudo do pesquisador. Já Coseriu (1982,) discorre que o estudo do termo dialeto revelou que, desde o grego clássico, a lexia apresenta três significados: 1) refere-se ao modo de falar; 2) retrata uma subordinação a uma língua histórica; e 3) possui delimitação no espaço.

As pesquisas dialetais estão pautadas em três aspectos: o questionário, o informante e a rede de pontos. Conforme Cardoso (2010), é de interesse da dialetologia o registro dos acontecimentos linguísticos em uma determinada região. Além disso, pode trabalhar com quantidades de informantes estabelecidas, sem a necessidade de um número fixo, não havendo necessidade de um número expressivo de informantes. Como pode ser visto nas palavras da autora, “[...] num dado lugar, registra-se tal fato, recolhido em tais circunstâncias. (CARDOSO, 2010, p. 92). Quanto às ferramentas de coleta de dados, utiliza-se o questionário para recolher os dados da pesquisa. Cardoso (2010) nos diz que,

A recolha de dados de carácter dialetal se faz mediante a aplicação de questionário ou através de registro de conversa livre. O tipo de método a aplicar está condicionado à natureza da pesquisa a ser desenvolvida e aos objetivos que se deseja atingir. Em qualquer situação, porém, é preciso não se perder de vista a adequação à área pesquisada, atentando-se para aspectos regionais, denominações rurais, nomes referentes à designação de produtos da área, entre outros (p. 95).

Quanto aos tipos de questionários, temos o semântico-lexical, fonético-fonológico, morfossintático, pragmático, prosódico, discursivo e metalinguístico, e cada questionário será utilizado a depender do tipo de pesquisa que se pretende desenvolver.

A Geografia Linguística ou Geolinguística, considerada por Dubois et al. (2001) como “[...]o estudo das variações na utilização das línguas por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes” (p.307), isto é, objetiva investigar a variação das línguas no espaço físico. Há a discussão acerca da Geolinguística, que para alguns autores é vista como um método de pesquisa, enquanto para outros é entendida como um campo de investigação. Contudo, este trabalho não se centrará nessa questão, apenas apresentaremos as concepções que fundamentam a Geolinguística enquanto campo de estudo.

A Geolinguística possui, atualmente, várias obras referenciadas, como podemos mencionar os estudos de Brandão (1991), Aguilera (1998), Aguilera (2005), Isquierdo (2008) e

Cardoso (2010). Segundo Jordan (1963 apud Romano, 2013), os estudos na área da Geolinguística iniciaram-se no final do século XIX e início do século XX na Europa Ocidental, e posteriormente, difundiram-se para outros países da América Latina. No Brasil, somente na década de 1960 é que os estudos tiveram visibilidades com os trabalhos de Nelson Rossi, na UFBA.

Nesta pesquisa, utilizaremos o QSL e realizaremos a descrição e análise dos dados catalogados. Este estudo insere-se no campo da Dialetoлогия, visto que visa elaborar cartas linguísticas, a fim de observar se há uma possível demarcação de áreas dialetais, bem como se há a influência de contatos linguísticos nas localidades do corpus deste estudo. Além disso, nos pautaremos nos estudos da Lexicologia e da Terminologia, haja vista que são áreas correlatas, que dialogam entre si. Assim sendo, discutiremos na seção seguinte a respeito dessas duas áreas de estudo supracitadas.

### 2.3 CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA

Conhecer o inventário lexical de uma língua é também conhecer os elementos culturais que a envolvem. É no léxico que a significação da linguagem é armazenada. Nesse sentido, Biderman (1996) nos diz que,

A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. Sabemos, também, que a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos faz-se pelos signos linguísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas (p. 270).

Conforme as ideias de Biderman (1996), a linguagem é um meio pelo qual as heranças culturais podem ser transpostas para outras gerações. Já o léxico de uma língua é o conjunto de signos linguísticos que são transmitidos a partir da interação social entre as pessoas. A autora ainda nos aponta que ele é também armazenado na memória dos indivíduos e podem ser acessados conforme as necessidades das pessoas, para se expressarem e se comunicarem.

Na Linguística, há um grande número de estudos que tem a palavra<sup>17</sup> como objeto de investigação, considerada o elemento constituinte da linguagem e pode ser investigada sob o ângulo de diferentes abordagens. Para Barbosa (1980), cabe à Lexicologia o estudo da palavra, enquanto que a função do lexicólogo é desenvolver modelos a partir da análise, descrição e

---

<sup>17</sup> Neste trabalho, palavra é sinônimo de vocábulo, ou seja, o léxico em contexto de uso.

explicação dos dados lexicais. Além disso, ainda é sua função, a classificação das unidades lexicais de uma língua

A Terminologia está no campo das ciências do léxico, dialogando com a Lexicologia, e pode ser compreendida como um campo de estudos que busca investigar os termos. Como afirmam Krieger e Finatto (2018), a Terminologia apresenta basicamente três faces constitutivas: a comunicativa, a linguística e a conceitual. Conforme as autoras supracitadas, o léxico especializado possibilita denominar conceitos, objetos e processos de determinada área tecnológica ou científica. Desse modo, a Terminologia possui um papel crucial na definição de conceitos e circulação do conhecimento técnico e científico. Krieger e Finatto (2018) nos dizem que,

O léxico temático configura-se, portanto, como um componente linguístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área. Por isso, os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado (p. 19).

A utilização da linguagem técnica tem por objetivo estabelecer uma precisão conceitual de determinada área tecnológica ou científica, tornando a interação comunicativa mais efetiva entre os pares e na sociedade como todo. Portanto, o conhecimento das terminologias técnicas deve ser do interesse de todos, e não apenas restrito à determinada área profissional, haja vista que com o desenvolvimento e expansão da ciência e da tecnologia, cada vez mais as pessoas têm acesso ao conhecimento científico e tecnológico disseminados através das mídias.

Assim como as ondas da Sociolinguística, a Terminologia possui fases de desenvolvimento teórico-metodológico, que são apresentadas a seguir: a TGT, a TCT, a TCT (abordagem socioterminológica) e a TSCT.

A Teoria Geral da Terminologia surgiu em 1972 na Universidade de Viena, e foi cunhada pelo engenheiro Eugen Wüster, cujo objetivo era estabelecer a padronização de termos técnicos e científicos, no intuito de se obter uma linguagem unívoca, sem a presença de variações. Wüster considerava a Terminologia como um ramo da Linguística Aplicada. Conforme Cabré (2005), o termo Terminologia apresenta vários sentidos, podendo significar a disciplina, a prática ou o resultado gerado pela prática, como pode ser verificado nas palavras da autora “[...]disciplina é o assunto que trata de termos especializados; como prática é o conjunto de princípios que visa a coleta de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de determinada especialidade” (p.16).

Na concepção de Ogden y Richards, o termo é constituído por três elementos: a denominação, o conceito e o referente. Cabré (2005) afirma que há diferenças entre a Lexicologia e a Terminologia, enquanto a Lexicologia se encarrega do estudo das palavras, a Terminologia estuda os termos de determinada especialidade, portanto, palavra e termo são coisas distintas. De acordo com Cabré (2005), palavra refere-se a uma unidade descrita por características linguísticas sistemáticas usadas para se referir a elementos da realidade. Por outro lado, termo consiste em unidades de características linguísticas semelhantes pertencentes a determinada especialidade. Palavra e termo se distinguem quanto aos seus usuários, visto que as palavras são usadas por qualquer falante da língua, enquanto os termos são utilizados por profissionais de cada especialidade.

A Terminologia dialoga com a Sociolinguística Quantitativa, porém não trabalha com todos os preceitos labovianos, como por exemplo, o conceito de comunidade de fala, que não é adotado pelos estudos terminológicos, mais sim adotam o preceito de comunidade de prática, que considera as relações sociointeracionais que os falantes participam.

A Socioterminologia é um campo de estudos cunhado por Jean-Claude Boulanger, o autor utilizou o termo pela primeira vez em 1981 na publicação de um artigo. O referido autor afirmou que mesmo na terminologia de especialidade há variação. Os estudos mostraram que o termo não é unívoco, mas sofre variações. Esse campo de estudos busca identificar e categorizar as variantes linguísticas terminológicas em diferentes contextos, regulados pelos diversos tipos de situações de uso da linguagem. Conforme Faulstich (1995), “as características de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades próprias a serem estudadas pela disciplina socioterminologia, que requer método próprio para sistematização de termos e de variantes” (p.2).

Faulstich elaborou um modelo teórico para o estudo dos termos, que ficou conhecido como Construto de Faulstich. Nesse modelo, a autora classifica as variantes em duas categorias: variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. Dentre as variantes terminológicas linguísticas, encontram-se as variantes fonológica, morfológica, sintática, lexical e gráfica. Já na no grupo das variantes terminológicas de registro, temos as variantes geográfica, de discurso e temporal. Contudo, esse Construto de Faulstich não inclui uma possível variante terminológica semântica, entretanto, os estudos da Socioterminologia têm mostrado a existência de variantes terminológicas também em nível semântico.

Os primeiros estudos terminológicos não consideravam que as unidades lexicais pudessem sofrer mudanças de significados, bem como um mesmo conceito referindo-se a mais de um termo ou um mesmo termo correspondendo a mais de um conceito. Toda via, os novos



estudos da terminologia mostraram que as unidades terminológicas funcionam da mesma forma que as unidades não especializadas na língua, seja em seus aspectos fonológicos, morfológicos ou semânticos, e os estudos têm mostrado a presença de metáforas, metonímias, polissemias nas unidades terminológica, rompendo assim com a visão clássica da terminologia.

Nesse sentido, a terminologia buscar congrega três dimensões, a linguística, a comunicativa e a cognitiva. A dimensão linguística se refere às diferentes formas de representação dos conceitos, já a dimensão comunicativa visa investigar a utilização dos termos e a dimensão cognitiva está relacionada aos conceitos e definições dos termos. Várias teorias surgiram para questionar a concepção tradicional da terminologia proposta pela Teoria Geral da Terminologia (TGT), que apresentava uma visão reducionista das unidades terminológicas, concebendo os termos como unidades unívocas, isentas de variação. A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) apresentou críticas à TGT, defendendo a ideia de que os termos são unidades linguísticas usadas em diversos contextos comunicativos, trazendo uma abordagem descritiva dos termos, e esses não são unívocos, sistemáticos e universais como propunha a TGT. Outra teoria que surgiu em contraposição à TGT foi a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TSCT).

Nesta investigação, iremos nos embasar na TSCT, cuja premissa é realizar um estudo descritivo da terminologia pautado na semântica cognitiva, essa teoria focaliza na dimensão cognitiva dos termos contrapondo aos pilares teóricos defendidos pela TGT.

## 2.4 ESTUDOS DESENVOLVIDOS

O tema das enfermidades oculares foi objeto de estudo em algumas pesquisas, como no estudo desenvolvido por Nunes (2017), no qual a autora analisou em sua dissertação de mestrado as denominações fornecidas a quatro perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL) coletados e disponibilizados pela equipe do Projeto ALiB. Nesse trabalho, foram analisadas localidades pertencentes às regiões Norte e Sul do Brasil. Para a pergunta “Pessoa que só enxerga com um olho – QSL 091”, foram encontradas nove variantes terminológicas: ‘caolho’, ‘cego de um olho’, ‘zarolho’, ‘deficiente do olho’, ‘falta de uma vista’, ‘só tem um olho’, ‘aleijado do olho’, ‘piloto’, ‘pícego’. Além dessas variantes encontradas, foram constatadas outras variantes, porém inválidas para a pergunta 091, foram elas: ‘cego, vesgo’, ‘birolho’, ‘torto do olho’, ‘ruim da vista’. A autora afirma que a distribuição entre as respostas foi equilibrada para as duas regiões, Norte e Sul. As respostas fornecidas pelos participantes foram organizadas em duas categorias: capitais e localidades do interior. Nas capitais, foram constatadas seis variantes em

um total de 61 ocorrências, e dentre as variantes encontradas, a lexia ‘caolho’ foi a mais produtiva, contabilizando 87% de ocorrências para a Região Sul e 70 % para a Região Norte.

Quanto aos dados analisados nas cidades do interior, foram encontradas oito variantes para um total de 160 ocorrências. Assim como nas capitais, a lexia ‘zarolho’ foi registrada como a variante mais produtiva, com um percentual de 64% na região Sul e 49% na região Norte, seguido do termo ‘cego de um olho’, que foi o segundo mais produtivo. Além dessas duas respostas válidas, constatou-se também a lexia ‘cego’ como muito frequente nas localidades do interior, porém não foi validada pelo fato de corresponder à outra pergunta do QSL.

Em relação à análise dos dados referentes à pergunta “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – QSL 092”, foram registradas nove variantes lexicais em um total de 334 ocorrências. A partir dos dados analisados, pôde-se verificar que a variante ‘vesgo’ foi a mais produtiva nas regiões Norte e Sul com 59% de ocorrências, seguido da lexia ‘zarolho’ com 23% de ocorrências.

Quanto à distribuição das variantes por região, na região Sul, a lexia ‘vesgo’ foi a mais produtiva com 74% de ocorrências, enquanto na região Norte, a lexia ‘zaralho’ obteve maior produtividade contabilizando 44% de ocorrências. Com o estudo de Nunes (2017), pode-se inferir que muitos participantes confundem as denominações dadas às enfermidades oculares, talvez por dúvida ou desconhecimento da denominação correta a ser utilizada.

Reis (2020) investigou em sua dissertação de mestrado as variações terminológicas das enfermidades oculares a partir de dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) em três cidades, a saber: Aracaju, Estância e Propriá. Nesse estudo, a referida autora buscou conhecer as variantes linguísticas utilizadas pelos participantes da pesquisa para nomear determinadas enfermidades oculares. O *corpus* de seu estudo foi constituído por dezesseis inquéritos e as variáveis socioculturais consideradas foram faixa etária, sexo, escolaridade e localidade. Para o questionário semântico-lexical referente à pergunta “Pessoa que só enxerga com um olho”, foram encontradas seis variantes: ‘cego’, ‘cego de um olho’, ‘caolho’, ‘míope’, ‘deficiente’, ‘perdeu o olho’. Quanto à pergunta “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”, foram constatadas dez variantes: ‘zanoi’, ‘zario’, ‘estrábico’, ‘zanolho’, ‘zarolho’, ‘caolho’, ‘vesgo’, ‘míope’, ‘desvio no olho’, ‘tem os olhos trocados/troncho’.

Referente ao questionário “Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos”, foram constatadas as variantes: ‘míope’, ‘miopia’, ‘tem a vista mal’, ‘caolho’, ‘vista cansada’, ‘deficiente’, ‘deficiente visual’. Referente ao questionário “Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”, foram encontradas as seguintes variantes: ‘terçol’, ‘bolinha de carne’,

‘avelide’, ‘catarata’, ‘argueiro’. Quanto à pergunta “Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”, as variantes verificadas foram: ‘conjuntivite’, ‘dordolho’, ‘amanheceu com o olho remelado’. Para o questionário “Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”, foram encontradas as lexias: ‘catarata/cataraca/tataraca’, ‘avelide’, ‘carne no olho’, ‘liblina no olho’.

Com o estudo, a autora constatou que houve significativa divergência entre os termos técnicos usados pelos médicos e as lexias nomeadas pelos participantes leigos referentes às enfermidades oculares, e inclusive, dentro da área médica houve variação na utilização das terminologias oftálmicas proferidas pelos profissionais médicos especialistas. Quanto à atuação das variantes, pode-se constatar que as variantes socioculturais escolaridade e localidade foram as que tiveram maior significância.

Paim (2013) investigou as designações para a enfermidade ocular conjuntivite nas capitais brasileiras a partir de dados do Projeto ALiB. Para a pergunta do questionário semântico lexical (QSL) “Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”, foram encontradas as seguintes variantes lexicais: ‘conjuntivite’, ‘dor d’olhos’; ‘sapatão’; ‘gripe nas vistas’; ‘bonitinho’; ‘constipação’; ‘gripe na cabeça’; ‘inflamação’; ‘doença ocular’; ‘olho inflamado’. A partir de sua análise, a autora afirma que a variante ‘conjuntivite’ é a mais frequente tanto para informantes da faixa etária 1, com 93,18%, quanto para os da faixa etária 2, com 58,93%. Já a variante ‘dor d’olhos’ é mais utilizada pelos informantes mais velhos, com ocorrência de 27,68%, em detrimento dos mais jovens que apresentaram ocorrência de 3,41 %. Esse estudo revela a atuação da identidade social de faixa etária como um fator de grande favorecimento na escolha das lexias pelos falantes.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. Para tanto, fazemos um recorte histórico-descritivo do Projeto ALiB e, a partir desse contexto, nos centramos na delimitação e organização do nosso *corpus* nos restringindo, posteriormente, às localidades com as quais trabalhamos e aos mecanismos empregados para descrição e análise dos dados.

#### 3.1 O PROJETO ALiB

Antenor Nascente, pioneiro nos estudos dialetológicos, trouxe muitas contribuições para os estudos da língua portuguesa. Publicou a obra *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, no ano de 1958.

Com a construção do APFB, pretendia-se realizar o mapeamento da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em que o falar baiano correspondia ao estado da Bahia, de Sergipe, do Norte de Minas Gerais e do Leste de Goiás.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), primeiro atlas linguístico brasileiro, foi elaborado, em 1962, pelo professor Nelson Rossi. Foi constituído por 50 localidades e possuía 182 perguntas divididas em quatro áreas semânticas: 1) Terra; 2) Vegetais; 3) Homens; e 4) Animais. Para constituição do APFB, foram entrevistados 100 informantes - 43 homens e 57 mulheres, com escolaridade correspondente a analfabetos ou semianalfabetos e faixa etária entre 25 e 60 anos.

Situando historicamente, temos no período correspondente entre 1963 a 1996 a publicação de cinco atlas linguísticos: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), (ROSSI, 1963); Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) (RIBEIRO et al., 1977); Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1984); Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) (FERREIRA et al., 1987); Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) (AGUILERA, 1994). A partir de 1996, foram publicados ainda outros atlas: o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (WALTER et al., 2002, 2011); Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso do Sul (ALMS) (2007); Atlas Linguístico do Estado do Ceará (2010).

As primeiras ideias para a construção de um Atlas Linguísticos do Brasil iniciaram em 1996 quando diversos pesquisadores se reuniram na UFBA no Seminário Nacional: Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil organizado pelas pesquisadoras Suzana Alice Cardoso e Jacyra Andrade Mota. A partir daí foi sendo construído o esboço do ALiB, contando

com a participação de pesquisadores de várias partes do país e representou um marco para a Geolinguística.

O ALiB é um projeto de âmbito nacional e de grande relevância científica e social, cujo objetivo principal é realizar o mapeamento linguístico abrangendo todas as regiões brasileiras. O Projeto ALiB possui um comitê Nacional responsável por coordenar suas atividades, formado por Diretoria Presidente, representada pela professora Jacyra Andrade Mota, Diretoria Executiva, representada pela professora Silvana Soares Costa Ribeiro, além dos onze membros do Comitê Científico. Como resultado dos dados catalogados, foram publicados dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil apresentando dados de 25 capitais de estados brasileiros.

### 3.2 OS DADOS DO PROJETO ALIB (QUESTIONÁRIOS, A COLETA DE DADOS E AS VARIÁVEIS)

O Projeto ALiB possui, hoje, grande quantidade de questionários coletados e armazenados em seu banco dados, a fim de serem utilizados por pesquisadores em seus estudos. Os pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) foram os precursores do Projeto ALiB, que conta hoje com o apoio de dezesseis universidades brasileiras e centenas de pesquisadores envolvidos na sua execução. O Projeto ALiB insere-se no campo da Geolinguística, que estuda a língua considerando o contexto geográfico dos falantes. A partir dos dados de referido projeto, pode-se conhecer e estudar a língua portuguesa no território brasileiro, considerando-se a inter-relação com as diversas línguas indígenas, e africanas que coexistiram ou coexistem em nosso país.

Os atlas do Projeto ALiB estão organizados em seis volumes, sendo que cinco já foram publicados. Na tradição dialetológica, os atlas recebem a denominação de carta, as quais representam as regiões brasileiras e suas divisões políticas, a rede de pontos, vias de comunicação e a hidrografia. As cartas objetivam fornecer dados gerais sobre características geográficas e políticas do Brasil e representam os resultados das análises dos dados referentes às capitais brasileiras. O volume 2 – Cartas Linguísticas 1 possui 46 cartas fonéticas, que abordam seis fatos descritos e analisados, as cartas semântico-lexicais contabilizam 106 contemplando oito áreas semânticas, que focalizam os dados em uma perspectiva geral, apresentam cartas diatópicas gerais e regionais. Já as cartas morfossintáticas compreendem sete fenômenos apresentando dados referentes à distribuição dos pronomes de tratamento, à flexão de gênero e utilização do verbo ter com valor existencial.

Além dos atlas impressos, há também as versões digitais em e-books, que estão disponíveis para download na internet. Há ainda um projeto em andamento denominado ALiBWeb e o Atlas Falante, que consiste em um sistema de acesso via web que permitirá consultar as cartas em formato dinâmico possibilitando a audição de alguns exemplos de fala dos informantes entrevistados, esse projeto digital viabilizará a popularização do ALiB, sendo acessível a uma maior quantidade de pessoas. Além dos dois volumes que foram publicados (1 e 2), o comitê do Projeto ALiB prevê a publicação de mais cinco volumes (3, 4, 5, 6 e 7), os quais estão em fase de elaboração.

A realização da análise dos dados do ALiB permite conhecer a realidade linguística do português brasileiro. Há diversos estudos em andamento e já desenvolvidos com base nos dados do Projeto ALiB em diferentes áreas, Fonética, Morfossintaxe, Léxico, Pragmática, Questões Metalinguísticas e Discursos Semidirigidos. Portanto, há diversos trabalhos científicos concluídos e em andamento que utilizam o corpus do ALiB tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 2. Relação de trabalhos com os dados do Projeto ALiB.

<b>TIPO DE TRABALHO</b>	<b>TIPO DE ANÁLISE</b>	<b>CONCLUÍDOS</b>	<b>EM CURSO</b>
<b>TESE</b> <b>Total geral=42</b>	Fonético-fonológica	4	8
	Semântico-lexical	9	9
	Morfossintática	1	6
	Outra	2	3
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>26</b>
<b>DISSERTAÇÃO</b> <b>Total geral=74</b>	Fonético-fonológica	26	3
	Semântico-lexical	28	9
	Morfossintática	4	4
	<b>TOTAL</b>	<b>58</b>	<b>16</b>
<b>MONOGRAFIA</b> <b>Total geral=42</b>	Fonético-fonológica	16	5
	Semântico-lexical	17	1
	Outras	1	2

	<b>TOTAL</b>	34	8
		108	50
	<b>TOTAL GERAL</b>		<b>158</b>

Fonte. Adaptada de Ribeiro (2012).

Nesse sentido, o Projeto ALiB trouxe um leque de contribuições, como o incentivo aos estudos geossociolinguísticos, a introdução da cartografia, o uso de recursos tecnológicos com a informática, a aplicação da metodologia pluridimensional, a ampliação dos estudos acerca do português brasileiro. Todo esse trabalho é desenvolvido em uma perspectiva interinstitucional, haja vista que diversas instituições acadêmicas colaboraram/colaboram para a concretização do Projeto possibilitando a divulgação e a visibilidade do ALiB.

Realizar estudos a partir dos dados do Projeto ALiB é muito importante, pois contribui para a expansão do Projeto, divulgação de seus dados, conhecimento das variantes linguísticas e realização de mapeamento de áreas dialetais.

### 3.2.1 Questionários do Projeto ALiB

Quanto aos questionários linguísticos, esses foram pensados e elaborados pela equipe que coordena o Projeto ALiB, e após algumas testagens e adequações chegou-se a um modelo de questionário final, sendo aplicado desde 2001 em todas as suas coletas de dados. Com sua aplicação, pôde-se conhecer as diversas variações diatópicas da língua portuguesa, como também a delimitação de áreas dialetais. Os questionários foram organizados da seguinte maneira:

- a) Fonético-fonológico – com 159 perguntas, acrescidas de 11 perguntas sobre prosódia.
- b) Semântico-lexical – com 202 perguntas;
- c) Morfossintático – com 49 perguntas;
- d) Questões de pragmática – com 04 perguntas;
- e) Temas para discursos semidirigidos – 04 temas (relato pessoal, comentário, descrição e relato não-pessoal);
- f) Questões de metalinguísticas – 06 perguntas;
- g) Texto para leitura – 01 (Parábola dos sete vimes).

A primeira versão dos questionários foi publicada ainda em 1998, pois alguns pesquisadores teriam interesse em realizar a testagem da metodologia implementada pelo

Projeto. Após a experimentação desse instrumento de coleta de dados, foi necessário rever mudanças para aperfeiçoamento dos questionários e por fim, teve sua versão definitiva publicada no ano de 2001 pela Universidade Estadual de Londrina.

O questionário linguístico foi aplicado a todas as localidades da rede de pontos do Projeto ALiB, as entrevistas foram gravadas e possuem duração média de três horas, registradas em aparelhos de gravação analógicos e digitais.

Neste estudo, trabalhamos com o QSL referente à área semântica do corpo humano. A seguir, apresentamos um quadro com a distribuição as 14 áreas semânticas que compõe o questionário.

Quadro 1. Áreas semânticas do QSL.

<b>ÁREAS SEMÂNTICAS</b>	<b>Nº DE PERGUNTAS</b>
1 Acidentes geográficos	06
2 Fenômenos atmosféricos	15
3 Astros e tempo	17
4 Atividades agropastoris	25
5 Fauna	25
6 Corpo humano	32
7 Ciclos da vida	15
8 Convívio e comportamento social	11
9 Religião e crenças	08
10 Jogos e diversões infantis	13
11 Habitação	08
12 Alimentação e cozinha	12
13 Vestuário e acessórios	06
14 Vida urbana	09
<b>TOTAL</b>	<b>202</b>

Fonte. Adaptado de Silvana Soares Costa Ribeiro (2012).



As questões analisadas nesta investigação foram as seguintes:

- a) QSL 91 - Pessoa que só enxerga com um olho;
- b) QSL 92 - Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes
- c) QSL 93 - Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos
- d) QSL 94 - Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha
- e) QSL 95 - Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado
- f) QSL 96 - Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas

### 3.2.2 A rede de pontos

O Projeto ALiB possui uma rede de pontos constituída por 250 localidades distribuídas no território nacional, e a seleção das cidades seguiu critérios históricos, culturais e demográficos. É importante ressaltar, que as cidades de Brasília e Palmas não foram incluídas na coleta de dados, por serem muito recentes e talvez dificultasse também a presença de informantes que seguissem aos critérios de seleção das pesquisas dialetológicas. Quanto à rede de pontos que compreende o Estado da Bahia, essa é formada por 22 localidades, a capital Salvador e mais 21 cidades do interior descritas no quadro a seguir.

Quadro 2. Rede de pontos do Estado da Bahia

CIDADES
81-Juazeiro
82-Jeremoabo
83-Euclides da Cunha
84-Barra
85-Irecê
86-Jacobina
87-Barreiras
88-Alagoinhas
89-Seabra
90-Itaberaba
91-Santo Amaro
92-Santana
93-Salvador
94-Valença

95-Jequié
96-Caetié
97-Carinhanha
98-Vitória da Conquista
99-Ilhéus
100-Itapetinga
101-Santa Cruz Cabrália
102-Caravelas

Fonte. Adaptado de Silvana Soares Costa Ribeiro (2012).

### 3.3 O *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa foi constituído por questionário semântico-lexical, correspondente à área semântica do corpo humano, foram coletados doze inquiridos pela equipe do Projeto ALiB nas cidades de Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo. E cada uma dessas cidades foram entrevistados quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, esses informantes pertencem à faixa etária de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, o nível de escolaridade dos informantes é ensino fundamental completo. É importante salientar que a escolha dessas localidades para compor o corpus do estudo, se deve ao fato de que são as cidades baianas situadas mais próximas do Estado de Sergipe. E desse modo, pretende-se encontrar um contuumm linguístico que possa demarcar áreas dialetais com as cidades de Aracaju, Estância e Própria, haja vista que foram as três cidades sergipanas mapeadas pelo Projeto ALiB.

#### 3.3.1 A cidade de Jeremoabo

A cidade de Jeremoabo está pertence ao estado da Bahia e foi habitada, primeiramente, por indígenas das etnias aborígenes, muongurus e cariacás. No começo do século XVII, uma religiosa fundou um aldeamento à Nossa Senhora de Brotas, e os padres João de Barros e Jocod Roland iniciaram a catequização dos indígenas que moravam no local e nas regiões vizinhas. Foi criada em 1718 a freguesia com a denominação de São João Batista de Jeremoabo do Sertão de Cima, posteriormente no ano de 1831 recebeu o nome de Vila de São João Batista de Jeremoabo e alguns anos depois, apenas Jeremoabo. A lexia Jeremoabo é de origem indígena, cujo significado é “plantação de abóboras”.

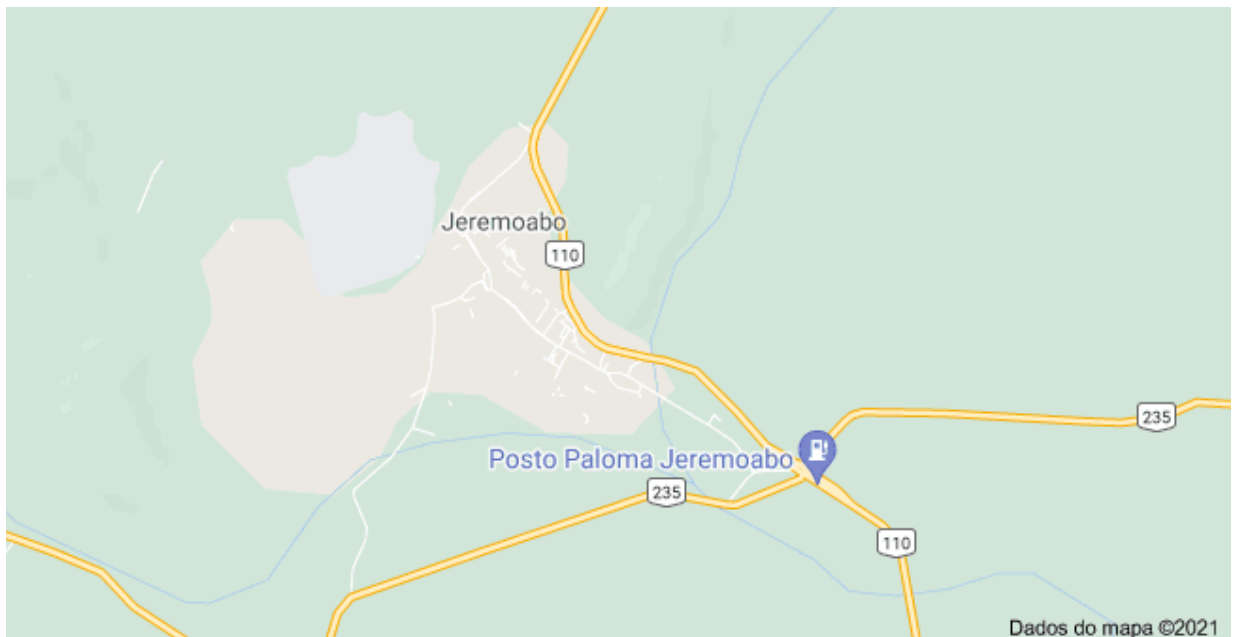
O município é constituído por dois distritos: Jeremoabo e Canché. A cidade possui área territorial de 4. 267,488 quilômetros quadrados, com densidade demográfica de 8,09 habitantes por quilômetro quadrado e população de aproximadamente 40.651 pessoas.

Figura 1. Vista aérea da cidade de Jeremoabo



Fonte. Google Imagens.

Figura 2. Mapa da cidade de Jeremoabo



Fonte. Google Imagens.

### 3.3.2 A cidade de Alagoinhas

O município de Alagoinhas está inserido no estado da Bahia, apresenta uma área territorial de 707,835 quilômetros quadrados. Tem uma população de aproximadamente 152.327 pessoas. Possui como municípios limítrofes, Inhambube ao norte, ao sul Catu, ao leste Araças, ao oeste Aramari, ao nordeste Entre Rios e o município de Teodoro Sampaio ao sudoeste. O povoamento de Alagoinhas teve início no século XVIII, em que foi fundada uma capela por um líder religioso, um padre português e devido a chegada de imigrantes na região, foram construídas algumas casas ao redor da igreja, dando origem à uma vila.

Depois de alguns anos, a vila foi se desenvolvendo, a partir da atividade econômica gerada por uma estação ferroviária, propiciando grande circulação de pessoas e fluxo de mercadorias. Ainda na condição de vila, a cidade de Alagoinhas teve alguns nomes, como Freguesia da Água Fria, Freguesia de Santo Antônio das Lagoinhas, e por último, Villa de Santo Antônio d'Alagoinhas, sendo posteriormente desmembrada da Vila de Inhambupe e emancipada como município de Alagoinhas.

No ano de 1880, foi construída a segunda estação ferroviária denominada São Francisco, com materiais vindos da Inglaterra. Durante a guerra de Canudos, em 1897, Alagoinhas teve uma participação importante acolhendo as tropas Estadual e Federal que passavam pela cidade no percurso de seu destino final, foram dados assistência e alimentos aos soldados feridos que lá chegavam.

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Alagoinhas foi criada em 15 de outubro de 1816, sendo a emancipação política ocorrida em 2 de julho de 1853 com a posse do presidente do conselho da primeira Câmara municipal, o então coronel José Joaquim Leal. A cidade passou por algumas transformações tanto em sua arquitetura, quanto em termos de tecnologia, em que foram inaugurados a Santa Casa de Misericórdia, o serviço de Transportes Coletivos, o Coreto Municipal, a Capela da Praça Kennedy, além da instalação da rede elétrica de energia, em 1924. O município ainda recebeu o nome de Cidade Joaquim Távola, no ano de 1931, para homenagear um irmão do tenente Juarez Távoa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, vários jovens nativos da cidade de Alagoinhas foram enviados para ajudar no combate, Na década de 1950, a cidade passou por um acelerado desenvolvimento, com a implantação do sistema de rede de esgotos favorecendo muitas famílias, além disso, foram construídos vários centros culturais, a exemplo da biblioteca central, além da Catedral de São Francisco.

Foi descoberto o primeiro poço de petróleo na região, em 1964, e depois de três anos já havia trinta poços de petróleo na cidade, com isso, a empresa de Petróleo Brasileiro S.A, a Petrobrás instalou-se no município, proporcionando grande desenvolvimento e ampliação de investimento, porém, em contrapartida deixou parte da população sem acesso aos serviços de saúde e saneamento básico, devido ao crescimento desordenado. O desenvolvimento econômico de Alagoinhas se deu em razão da implantação de estações ferroviárias e poços de petróleo.

Figura 3. Vista aérea da cidade de Alagoinhas



Fonte. Google Imagens.

Figura 4. Mapa da cidade de Alagoinhas



Fonte. Google Imagens.

### 3.3.3 A cidade de Euclides da Cunha

A região de Euclides da Cunha, município brasileiro do estado da Bahia, foi povoada, inicialmente, por indígenas da etnia Tupiniquins e a região foi desbravada por colonos vindos das cidades de Tucano e Monte Santo e desenvolveram atividades agropecuárias como forma de sobrevivência. Foi então na fazenda Cumbe do Major, cujo proprietário era Major Antônio, que deu início ao povoamento da região, foi construída pelos padres jesuítas em missão pelo Brasil, uma capela na localidade denomina de vila de Massacaré atualmente. A medida que foram chegando mais colonos, a fazenda foi se desenvolvendo, sendo construídas muitas casas, também outra capela com a em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, pelo padre Vicente Sabino dos Santos. Com essa expansão, a fazenda recebeu o título de Freguesia de Nossa Senhora do Cumbe em 1881, e foi então em 1898 que a fazenda ganhou a denominação de vila. A emancipação do território ocorreu em 19 de setembro de 1993 quando foi elevado à categoria de município formado por dois distritos, Cumbe e Canudos, e em 1938 a cidade recebeu o nome oficial de Euclides da Cunha em homenagem ao grande escritor brasileiro.

Em 1953 o município agregou mais um distrito, Massacaré, passando então a abranger três distritos, Euclides da Cunha (sede), Massacaré e Canudos. Contudo, em 1985, Canudos foi desintegrado e recebeu o título de município, posteriormente, foram criados dois distritos,

Caimbé e Aribicé e anexados ao município de Euclides da Cunha, que passou a ser formado por quatro distritos.

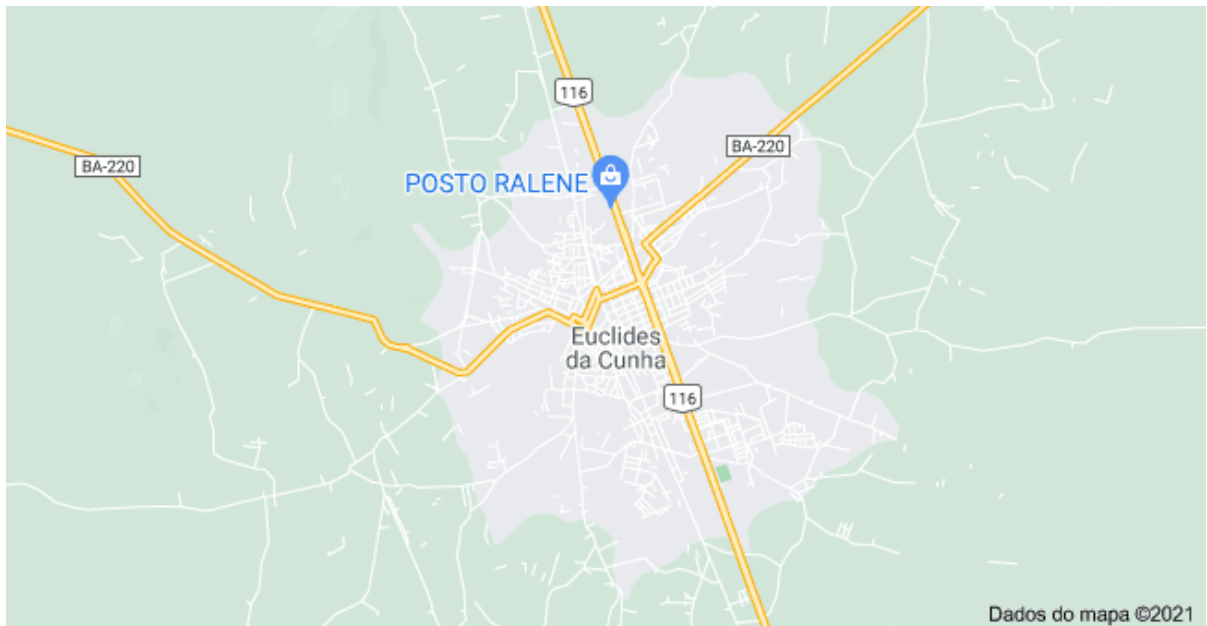
Atualmente, a cidade de Euclides da Cunha possui uma população de cerca de 60.858 pessoas, abrange uma área territorial de 2.025,368 quilômetros quadrados, com densidade demográfica de 27,75 habitantes por quilômetros quadrados, seus municípios limítrofes são Monte Santo, Novo Triunfo, Quijingue, Cansanção, Cícero Dantas, Jeremoabo, Canudos e Banzaê. Quanto à manifestação religiosa, seus habitantes participam da Igreja Católica, religiões evangélicas e espíritas. Do ponto de vista econômico, suas principais atividades são a agricultura, com a produção de milho, mandioca e feijão, além da pecuária com destaque para rebanhos suínos, ovinos, asininos, muares e caprinos, é também grande produtor de mel de abelhas e galináceos, e no setor de minérios, é produtor de calcário e cal. O município está sob a administração do prefeito Luciano Pinheiro Damasceno dos Santos com mandato de 2021 a 2024.

Figura 5. Vista aérea da cidade de Euclides da Cunha



Fonte. Google Imagens.

Figura 6. Mapa da cidade de Euclides da Cunha



Fonte. Google Imagens.

### 3.4 VARIÁVEIS SOCIOCULTURAIS

A metodologia de trabalho implantada pelo Projeto ALiB define quatro variáveis sociais para o tratamento dos dados da pesquisa:

- a) Sexo – Os informantes pertencem ao sexo masculino e feminino, e em cada ponto foram entrevistados dois homens e duas mulheres;
- b) Faixa etária – Os informantes entrevistados correspondem à faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos);
- c) Escolaridade – Os informantes são classificados em dois níveis de escolaridade: ensino fundamental incompleto e ensino universitário;
- d) Localidade – Foram coletados dados de 250 cidades brasileiras.

Até o momento, foram entrevistados o total de 1.100 informantes, que foram selecionados seguindo aos critérios preestabelecidos pelos pressupostos metodológicos da Sociolinguística, isto é, os informantes precisam ser nascidos nas localidades e não ter se afastado do local de nascimento por mais de 1/3 de suas vidas. Além disso, prescreve-se que esses informantes tenham residência fixa e histórico de trabalho na vida social.

Considerar as variáveis sexo e faixa etária possibilita investigar a variação diageracional e diagenérica, que conforme apontam algumas pesquisas interfere consideravelmente no repertório linguístico dos falantes.



Dentre as variáveis descritas acima, esta pesquisa trabalhou com sexo, faixa etária e localidade, e desconsiderou a variável escolaridade, haja vista o corpus do estudo foi construído por dados de três cidade do interior, cujos informantes possuíam ensino fundamental incompleto, excluindo-se os informantes com ensino universitário que pertence m às capitais brasileiras.

Seguindo aos critérios metodológicos preestabelecidos pelo Projeto ALiB, a pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes etapas:

- 1) Organização dos dados – Fizemos o levantamento e catalogação das variantes linguísticas, descrevemos os dados, que por sua vez, foram organizados em tabelas considerando-se as variáveis: localidade, sexo e faixa etária. As tabelas apresentaram os termos documentados com suas respectivas quantidades de ocorrência e percentuais. Elaboramos cartas linguísticas referentes às seis perguntas do QSL analisadas; Além disso, para melhor visualização dos dados, construímos gráficos ilustrando cada umas das tabelas apresentadas. Realizamos a análise com os dados de cada ponto;
- 2) Triangulação dos dados – Fizemos a comparação entre os dados e as seguintes variáveis: localidade, sexo e faixa etária;
- 3) Buscamos responder a seguinte pergunta: Quais variáveis socioculturais são produtivas para a escolha lexical dos participantes?

A análise dados nos permitiram afirmar que as variáveis sexo e faixa etária foram as que mais favoreceram a escolha lexical dos participantes.

#### **4 VISITANDO OS DADOS**

Nesta seção, trataremos da descrição dos dados coletados. Com o intuito de demarcar áreas dialetais, foram elaboradas seis cartas linguísticas correspondentes às seis perguntas do QSL (91 a 96), da área semântica do Corpo Humano. Foram analisados doze inquéritos, quatro participantes de cada localidade, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino nas cidades de Jeremoabo, Alagoinhas e Euclides da Cunha.

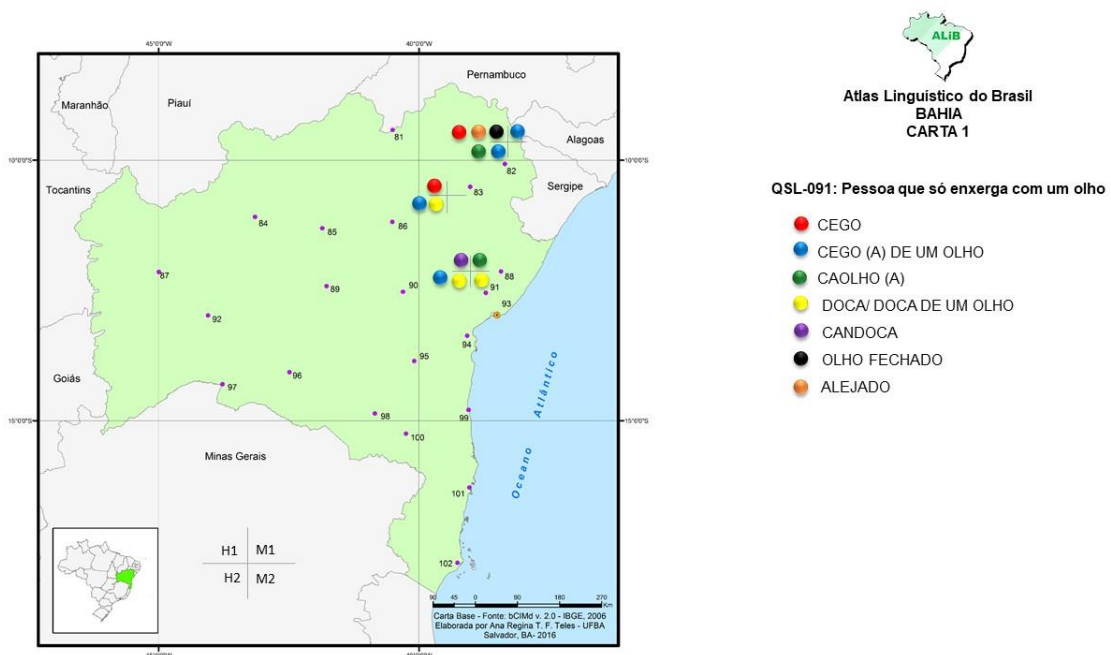
As variáveis socioculturais consideradas foram localidade, sexo e faixa etária. A escolha das localidades se deve ao fato de que são cidades próximas ao Estado de Sergipe, e buscamos delimitar um *continuun* dialetal na área que compreende o Estado de Sergipe e outras cidades circunvizinhas. É importante salientar que a variável escolaridade foi desconsiderada,

haja vista que foram entrevistados apenas informantes de cidades do interior, com escolarização de ensino fundamental.

#### 4.1 QSL-91: PESSOA QUE SÓ ENXERGA COM UM OLHO

Quanto à pergunta do QSL-91, foram registradas oito variantes. Na figura 7, apresentamos a carta contendo os dados catalogados dos doze informantes entrevistados nas cidades de Jeremoabo, Alagoinhas e Euclides da Cunha, todos com ensino fundamental completo. Cada unidade lexical é representada por uma cor diferente conforme a legenda ao lado.

Figura 7. Carta do QSL-91 “Pessoa que só enxerga com um olho”



Fonte. Banco de dados do Projeto ALiB.

Como podemos deprender que a partir dos dados da carta, na cidade de Jeremoabo, foram catalogadas cinco variantes. Um homem da F1 utiliza três variantes diferentes para denominar a enfermidade: ‘olho fechado’, ‘cego’ e ‘aleijado’. A informante mulher da F1 usa o termo ‘cega de um olho’. O homem da F2 utiliza duas formas linguísticas, ‘cego de um olho’ e ‘caolho’ para designar a enfermidade, e a mulher da F2 não soube nomear a enfermidade.

Na cidade de Alagoinhas, foram documentadas cinco variantes terminológicas, o homem da F1 utiliza a lexia ‘candoca’, a mulher da mesma faixa etária usa a forma ‘caolha’. Já o homem da F2 utiliza dois termos diferentes, ‘doca de um olho’ e ‘cego de um olho’, e a mulher da F2 usa a lexia ‘doca’.

Na cidade de Euclides da Cunha, dos quatro informantes entrevistados, apenas os homens responderam à pergunta. O homem da F1 utilizou a lexia ‘cego’ e o outro homem da F2 usou dois termos diferentes, ‘doca’ e ‘cego de um olho’.

#### 4.1.1 Descrição dos dados do QSL-91 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Apresentamos nas tabelas a seguir a distribuição das lexias segundo as variáveis localidade, sexo e faixa etária.

Na tabela 3, apresentamos os dados catalogados por localidade.

Tabela 3: Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por localidade

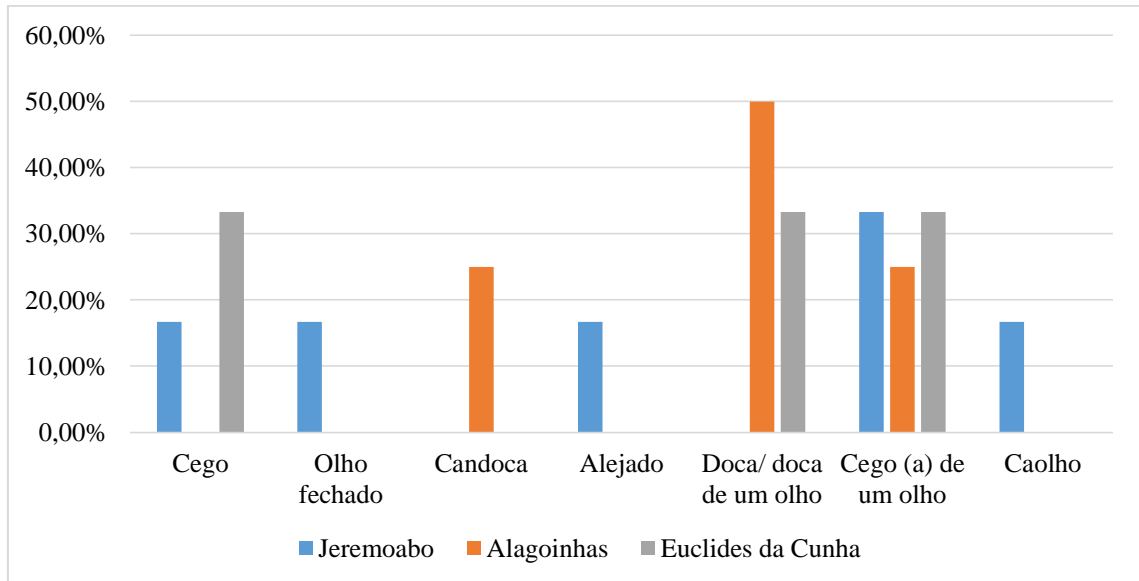
Variantes	Jeremoabo		Alagoinhas		Euclides da Cunha	
Cego	1	16,7%	-	-	1	33,3%
Olho fechado	1	16,7%	-	-	-	-
Candoca	-	-	1	25%	-	-
Aleijado	1	16,7%				
Doca/ doca de um olho	-	-	2	50%	1	33,3%
Cego (a) de um olho	2	33,3%	1	25%	1	33,3%
Caolho	1	16,7%	-	-	-	-
Total	6	100%	4	100%	3	100%

Fonte. Autoria própria.

A partir dos dados expressos na tabela 3, pode-se verificar que os termos ‘doca/ doca de um olho’ foi o mais frequente na cidade de Alagoinhas, com 50%. Além disso, nessa mesma cidade, foram documentadas as lexias ‘candoca’ e ‘cego (a) de um olho’, ambas com 25% de ocorrência. A cidade de Jeremoabo foi a que apresentou maior quantidade de variantes, dentre elas, ‘doca/ doca de um olho’ as mais recorrentes, com 33,3%, e as demais, ‘cego’, ‘olho fechado’, ‘alejado’ e ‘caolho’ com o mesmo percentual, 16,7%. Em Euclides da Cunha, foram identificadas as lexias

‘cego’, ‘doca/ doca de um olho’ e ‘cego (a) de um olho’, todas contabilizaram 33,3%. Esses dados são melhor visualizados no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por localidade



Fonte. Autoria própria.

Quanto à distribuição por sexo, os resultados são apresentados na tabela 4.

Tabela 4: Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por sexo

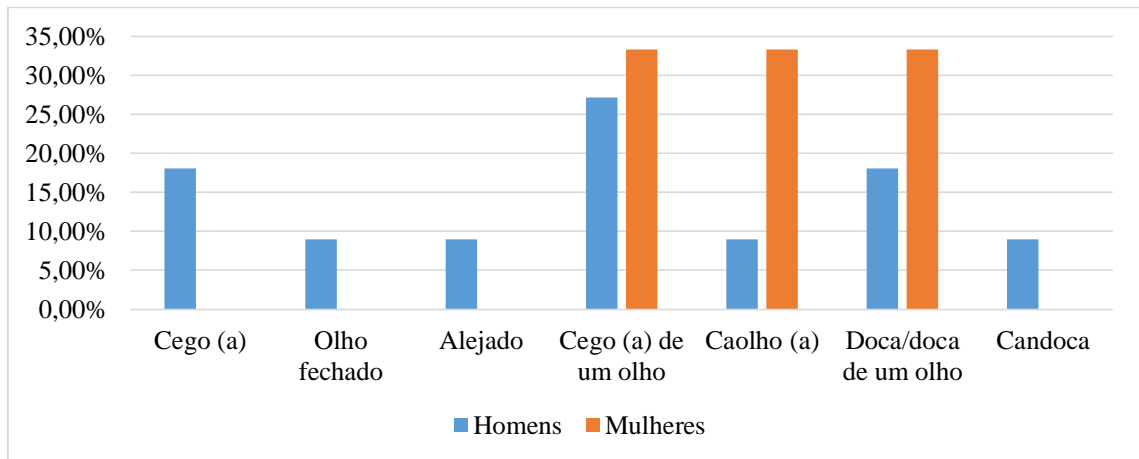
Variantes	Homens		Mulheres	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Cego (a)	2	18,1%	-	-
Olho fechado	1	9%	-	-
Aleijado	1	9%	-	-
Cego (a) de um olho	3	27,2%	1	33,3%
Caolho (a)	1	9%	1	33,3%
Doca/doca de um olho	2	18,1%	1	33,3%
Candoca	1	9%	-	-

Total	11	100%	3	100%
-------	----	------	---	------

Fonte. Autoria própria.

Na distribuição das variantes por sexo, podemos verificar que o item lexical ‘cego de um olho’ foi o mais frequente, tanto na fala de homens, com 27,2% quanto na fala de mulheres com 33,3%. As variantes menos frequentes entre os homens foram ‘olho fechado’, ‘alejado’, ‘caolho (a)’ e ‘candoca’, representando 9% de ocorrência. Observa-se ainda que algumas mulheres não souberam denominar a enfermidade ocular. O gráfico a seguir ilustra bem esses dados.

Gráfico 2: Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por sexo



Fonte. Autoria própria.

Ainda para a pergunta do QSL-91, apresentamos na tabela a seguir a distribuição das variantes por faixa etária.

Tabela 5. Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por faixa etária

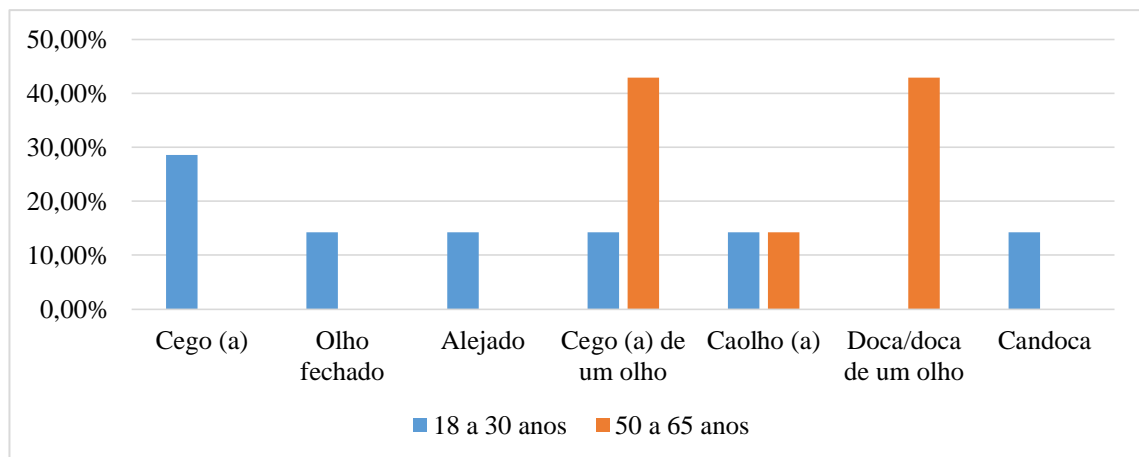
Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Cego (a)	2	28,6	-	-
Olho fechado	1	14,2	-	-
Aleijado	1	14,2	-	-
Cego (a) de um olho	1	14,2	3	42,9

Caolho (a)	1	14,2	1	14,2
Doca/docca de um olho	-	-	3	42,9
Candoca	1	14,2	-	-
Total	7	100%	7	100%

Fonte. Autoria própria.

Os dados expressos na tabela 5 mostram que na fala dos informantes da F2, as variantes mais frequentes foram ‘cego de um olho’ e ‘doca/docca de um olho’, com 42,9%. Para os informantes da F1, a variante ‘cego’ foi mais utilizada com 28,6%. Já as demais variantes tiveram o mesmo percentual, 14,2 de ocorrência. Os dados estão expostos no gráfico 3.

Gráfico 3. Pessoa que só enxerga com um olho – Distribuição por faixa etária



Fonte. Autoria própria.

#### 4.1.2 Análise semântica: QSL-91

Para a pergunta “Pessoa que só enxerga com um olho” foram encontradas quatro lexias: ‘cego’; ‘alejado’; ‘caolho (a)’; ‘doca/docca de um olho’. Esses termos são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 3. Dicionarização dos termos para “Pessoa que só enxerga com um olho”

<b>Termo/ expressão</b>	<b>Dicionário 1: AULETE</b>	<b>Dicionário 2: MICHAELIS</b>
Cego (a)	Privado da visão; organicamente incapaz de ver	Que ou aquele que é privado da visão
Olho fechado	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Alejado	Sem dicionarização	Que ou aquele que apresenta algum defeito, deformidade, mutilação física ou aleijão.
Cego (a) de um olho	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Caolho (a)	1. Pessoa cega de um olho; ZAROLHO  2. Pessoa com estrabismo; ESTRÁBICO; VESGO	1. Estrábico:  2. Zarolho
Doca/docca de um olho	1. Setor de um porto, dique onde os navios atracam para se abrigarem, para conserto ou para carga e descarga  2. Série de construções no porto para armazenamento de mercadorias desembarcadas	1 Parte de um porto, ladeada de muros ou cais acostável, onde as embarcações efetuam carregamento ou descarregamento, podendo assim se abrigar do mau tempo.
Candoca	Sem dicionarização	Sem dicionarização

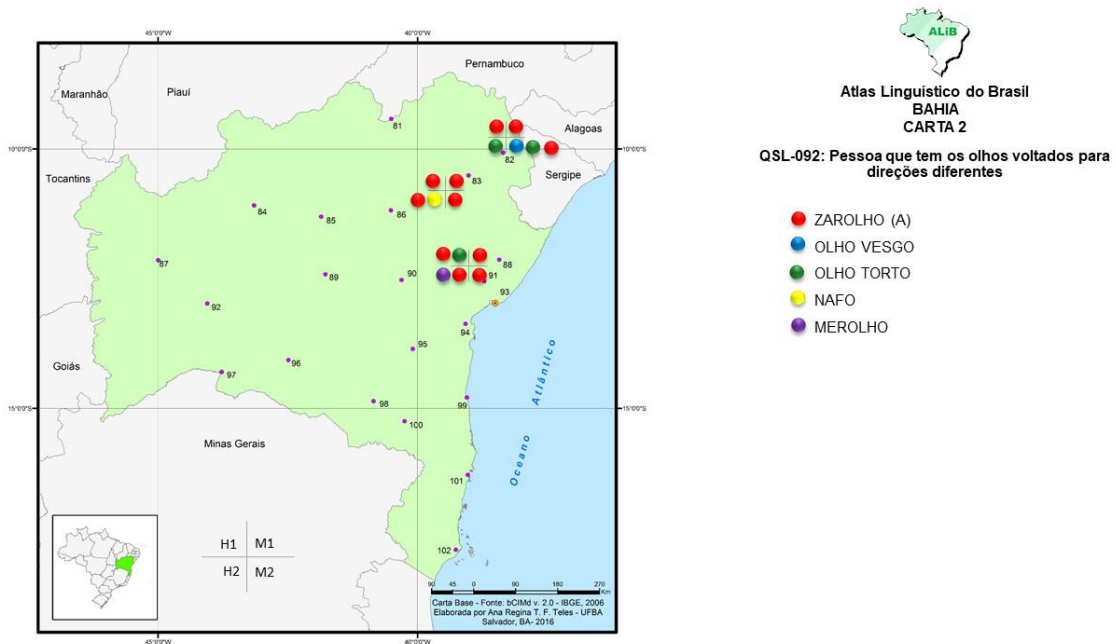
Fonte. Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)

Conforme exposto no quadro 3, as expressões ‘olho fechado’, ‘cego (a) de um olho’ e ‘candoca’ não estão dicionarizadas. Quanto à forma ‘caolho’, essa é apresentada nos dicionários com outros designativos: ‘zarolho’, ‘estrábico’ e ‘vesgo’. As formas ‘doca/docca de um olho’ aparecem nos dicionários, porém não faz referência à enfermidade ocular.

## 4.2 QSL-92: PESSOA QUE TEM OS OLHOS VOLTADOS PARA DIREÇÕES DIFERENTES

Para a pergunta do QSL-92, foram catalogadas cinco variantes: ‘zarolho (a)’; ‘olho vesgo’; ‘olho torto’; ‘nafo’; ‘merolho’. Os dados estão distribuídos na figura 8.

Figura 8. Carta do QSL-92 “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”



Fonte. Autoria própria.

Podemos constatar que na cidade de Jeremoabo, foram documentadas três variantes lexicais e três variantes fonológicas. O homem da F1 utiliza a denominação ‘zanoi’, e a mulher da mesma faixa etária usa ‘zanôia’ fazendo a variação em gênero. A lexia ‘olho torto’ é usada pelo homem e pela mulher da F2, e essa mesma mulher utiliza ainda mais duas designações, ‘olho vesgo’ e ‘zarolho’.

Na localidade de Alagoinhas, catalogamos três variantes lexicais e duas variantes fonológicas. O homem da F1 usa dois termos para nomear, ‘zói torto’ e ‘zanoi’, já a mulher da mesma faixa etária utiliza ‘zarolho’. O homem da F2 usa duas variantes, ‘zarolho’ e ‘merolho’, e a mulher da F2 nomeia a enfermidade por ‘zarolho’.

Na cidade de Euclides da Cunha, documentamos duas variantes lexicais e três variantes fonológicas. O homem da F1 usa o termo ‘zaroi’, a mulher da mesma faixa etária utiliza ‘zaroio’, o homem da F2 usa duas lexias, ‘nafo’ e ‘zaroio’, e a mulher da F2 utiliza ‘zarô’.



#### 4.2.1 Descrição dos dados do QSL-92 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Dando continuidade a descrição dos dados, trazemos as variantes distribuídas por localidade, sexo e faixa etária.

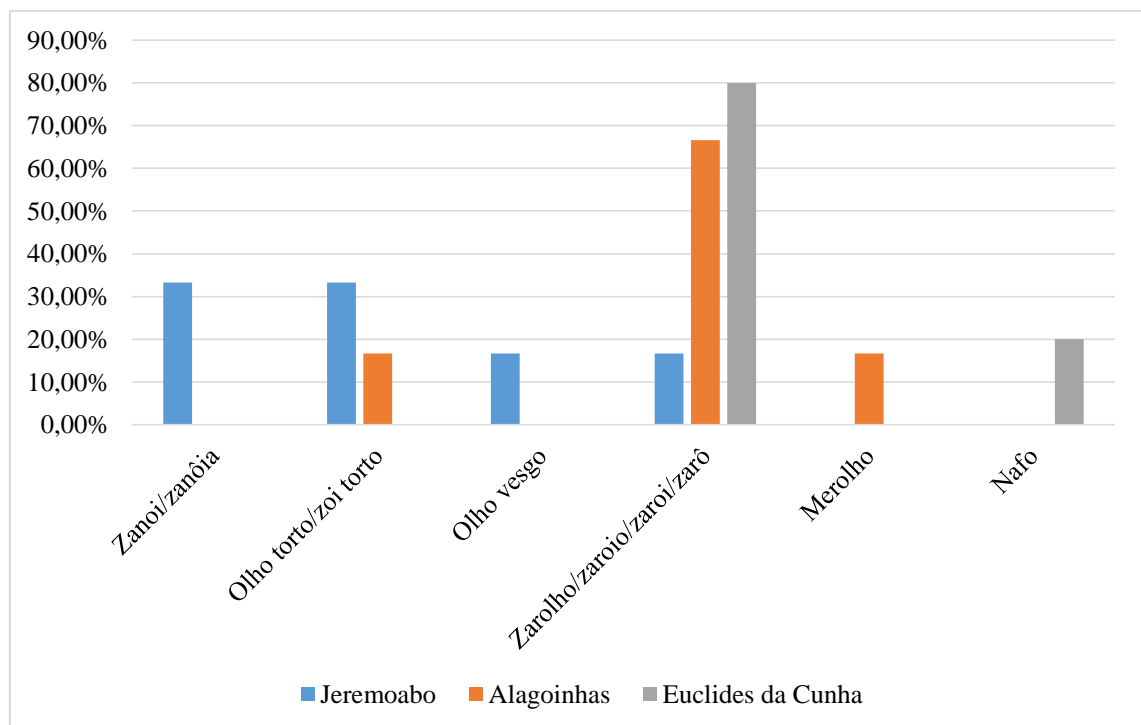
Tabela 6. Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por localidade

Variantes	Jeremoabo		Alagoinhas		Euclides da Cunha	
Zanoi/zanôia	2	33,3%	-	-	-	-
Olho torto/zoi torto	2	33,3%	1	16,7%	-	-
Olho vesgo	1	16,7%	-	-	-	-
Zarolho/zaroio/zaroi/zarô	1	16,7%	4	66,6%	4	80%
Merolho	-	-	1	16,7%	-	-
Nafo	-	-	-	-	1	20%
Total		100%		100%		100%

Fonte. Autoria própria.

A partir dos dados descritos na tabela 6, podemos verificar que a variante ‘zarolho’ foi a que apresentou maior frequência, com 80% na cidade de Euclides da Cunha, em seguida vem a cidade de Alagoinhas com 66,6% para a mesma variante. Para melhor visualização dos dados observe o gráfico 4.

Gráfico 4: Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por localidade



Fonte. Autoria própria.

Continuando, descreveremos a seguir as denominações documentadas e organizadas por sexo.

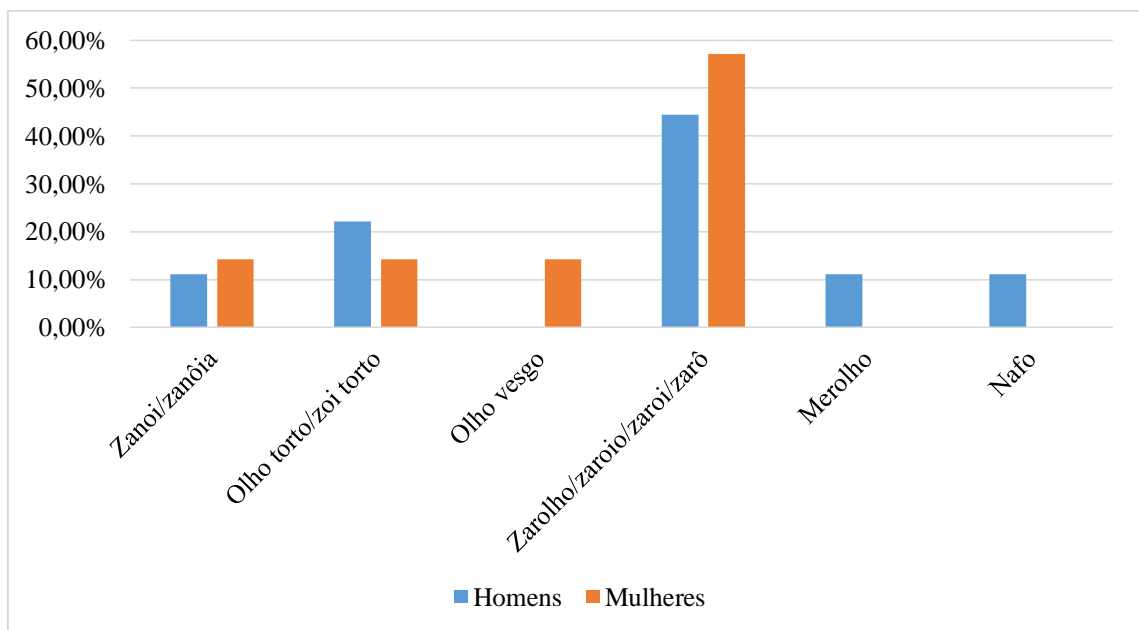
Tabela 7: Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por sexo

Variantes	Homens		Mulheres	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Zanoi/zanôia	1	11,1%	1	14,2%
Olho torto/zoi torto	2	22,2	1	14,2%
Olho vesgo	-	-	1	14,2%
Zarolho/zaroio/zaroi/zarô	4	44,4%	4	57,1%
Merolho	1	11,1%	-	-
Nafo	1	11,1%	-	-
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>

Fonte. Autoria própria.

Podemos observar que há um favorecimento no uso da variante lexical ‘zarolho’ em ambos os sexos, as mulheres com 57,1% e os homens com 44,4%. A variante ‘zarolho’ aparece nas falas dos participantes variando fonologicamente em ‘zaroio/ zaroi/ zarô’. Além disso, aparecem os itens lexicais ‘olho torto/zoi torto’ com 22,2% para os homens e 14,2% para as mulheres. A variante olho vesgo com 14,2% para o sexo feminino. A lexia ‘merolho’ e ‘nafo’, contabilizando cada uma 11,1% para o sexo masculino. Essas informações são ilustradas no gráfico 5.

Gráfico 5. Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por sexo



Fonte. Autoria própria.

Tabela 8. Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por faixa etária

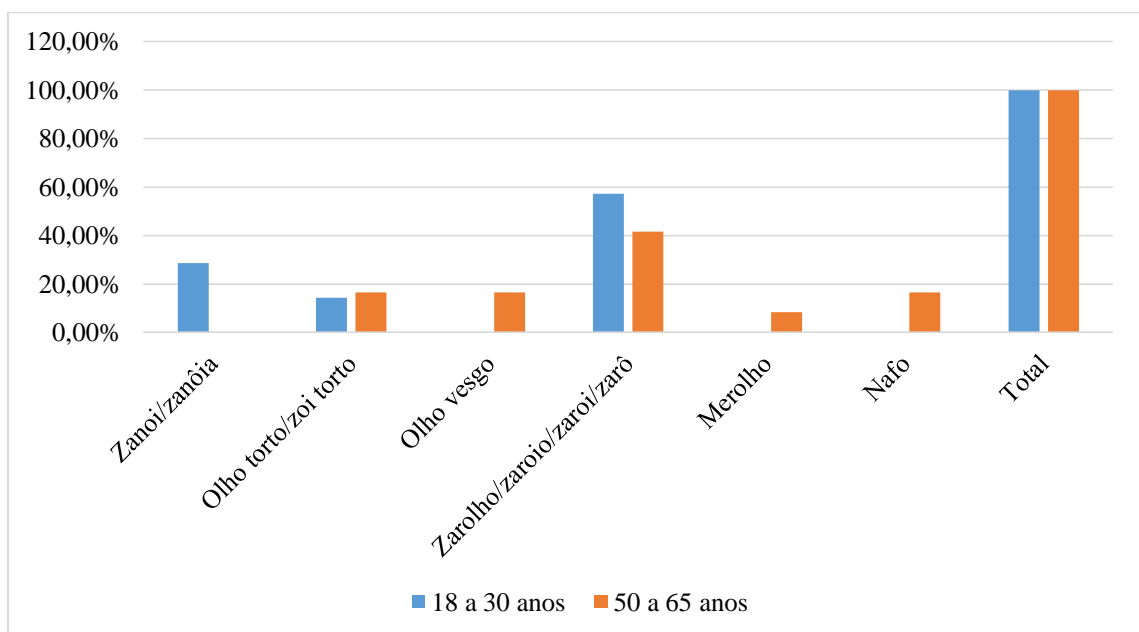
Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Zanoi/zanôia	2	28,6%	-	-
Olho torto/zoi torto	1	14,2%	2	16,6%
Olho vesgo	-	-	2	16,6%
Zanolho/zaroio/zaroi/zarô	4	57,1%	5	41,6%
Merolho	-	-	1	8,3%

Nafo	-	-	2	16,6%
Total	7	100%	12	100%

Fonte. Autoria própria.

Os dados expressos na tabela 8 revelam que a variante ‘zarolho’ é a mais frequente na fala nos informantes da F1, com 57,1% e nos informantes da F2, com 41,6%. As lexias ‘zanoi/zanôia’ ocorre apenas nos informantes da F2, com 28,6%. As variantes olho ‘vesgo’, ‘merolho’ e ‘nafo’ aparecem somente nos informantes da F2, contabilizando 16,6%, 16,6% e 16,6%, respectivamente. Os itens lexicais ‘olho torto/zoi torto’ ocorreram nas duas faixas etárias, com a frequência de 14,2% na F1 e 16,6% na F2. Os dados estão expressos no gráfico 6.

Gráfico 6: Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes – Distribuição por faixa etária



Fonte. Autoria própria.

#### 4.2.2 Análise semântica: QSL-92

Quadro 4: Dicionarização dos termos para “Pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”

Termo/ expressão	Dicionário 1: AULETE	Dicionário 2: MICHAELIS
Zanoi/zanôia	1. Mesmo que <i>zarolho</i>	Sem dicionarização
Olho torto/zoi torto	Sem dicionarização	Sem dicionarização

Olho vesgo	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Zarolho/zaroio/zaro i/zarô	<p><b>1.</b> Diz-se de pessoa que é cega de um olho ou que não tem um olho; CAOLHO; CARAOLHO; PILOTO; ZANOLHO; ZERÊ</p> <p><b>2.</b> Diz-se de quem é estrábico, vesgo; CAOLHO; ZANOLHO</p>	Sem dicionarização
Merolho	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Nafo	(Ribatejo) diz-se de pessoa que tem um ombro descaído	Sem dicionarização

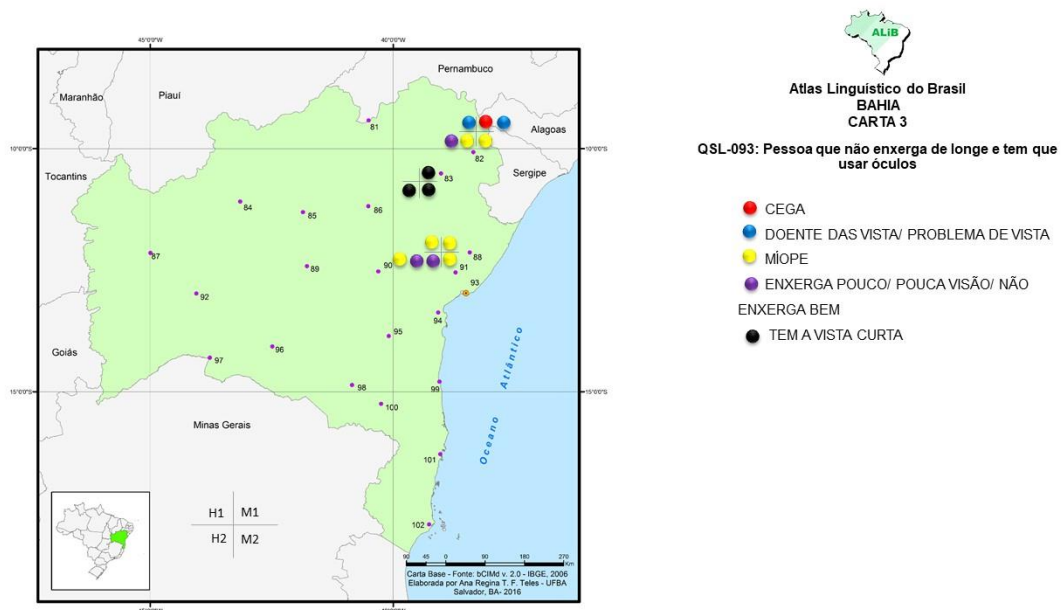
Fonte. Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)

Pode-se observar no quadro acima, que os termos ‘olho torto/zoi torto’, ‘olho vesgo’ e ‘merolho’ não estão dicionarizados. Nas duas obras pesquisadas, foram encontradas as formas: ‘zanoi/zanôia’ que possui o mesmo sentido de ‘zarolho’; ‘zarolho/zaroio/zaro i/zarô’ com o significado de pessoa que só enxerga com um olho, com as variações ‘caolho’; ‘caraolho’; ‘piloto’; ‘zanolho’; ‘zerê’, ‘estrábico’ e ‘vesgo’. Já a forma ‘nafo’ é apresentada com o significado de ‘pessoa que tem o ombro caído’, não havendo relação com enfermidade ocular.

#### 4.3 QSL-93: PESSOA QUE NÃO ENXERGA DE LONGE E TEM QUE USAR ÓCULOS

Para essa pergunta, foram documentadas cinco lexias. Fizemos o agrupamento de algumas lexias que possuem o mesmo valor semântico, como pode ser observado na carta a seguir, da figura 9.

Figura 9: Carta do QSL-93 “Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos”



Fonte. Autoria própria.

A partir da figura 9, podemos constatar que na localidade de Jeremoabo, foram documentadas cinco variantes lexicais. O homem da F1 usa o termo ‘duente das vista’, a mulher da mesma faixa etária utiliza duas variantes, ‘cega’ e ‘duente das vista’, o homem da F2 usa os termos ‘míupe’ e ‘enxerga pouco’, e a mulher da mesma faixa etária usa ‘míupe’.

Na cidade de Alagoinhas, documentamos três variantes lexicais. O homem e a mulher da F1 usam ‘míope’, o homem da F2 utiliza três variantes diferentes para designar a enfermidade: ‘poca visão’, ‘não enxerga bem’, ‘miupia’ e a mulher da mesma faixa etária usa ‘miupia’.

Na localidade Euclides da Cunha apareceu somente a lexia ‘tem a vista curta’ na fala de três informantes entrevistados, uma mulher da F1 e outra da F2 e o homem da F2. O homem da F1 não soube denominar a enfermidade.

#### 4.3.1 Descrição dos dados do QSL-93 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Apresentamos na tabela a seguir, as variantes lexicais observadas por localidade.

Tabela 9. Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por localidade

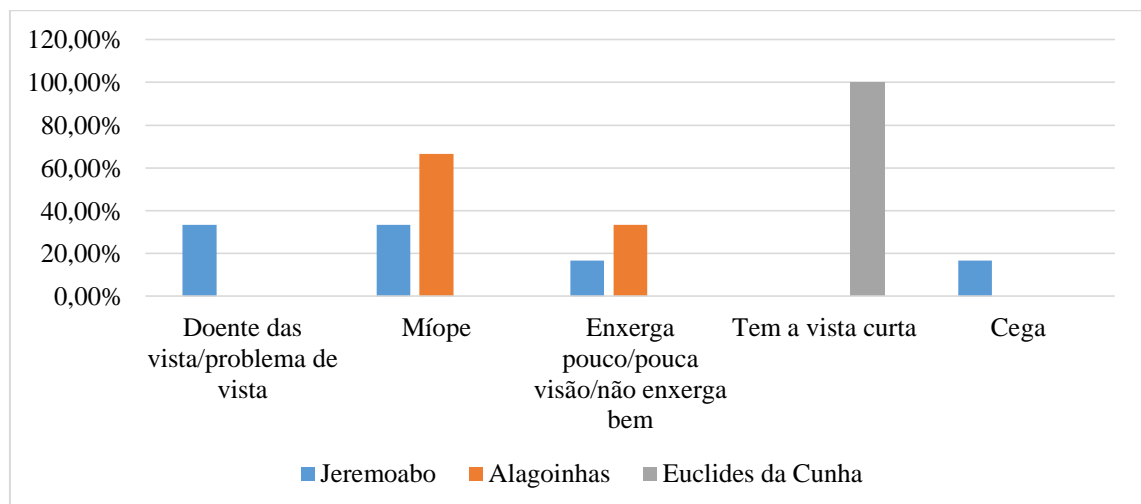
Variantes	Jeremoabo	Alagoinhas	Euclides da Cunha

Duente das vista/problema de vista	2	33,3%		-	-	-
Míope	2	33,3%	4	66,6%	-	-
Enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem	1	16,6%	2	33,3%	-	-
Tem a vista curta	-	-	-	-	3	100%
Cega	1	16,6%	-	-	-	-
Total	6	100%	6	100%	3	100%

Fonte. Autoria própria.

Como podemos observar na tabela 9, a lexia ‘duente das vista/ problema de vista’ aparece apenas na cidade de Jeremoabo, com 33%, assim como a lexia ‘cega’, com 16,6% de ocorrência. Na cidade de Alagoinhas aparecem os termos ‘míope’, com 66,6% e ‘enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem’, com 33,3%. E em Euclides da Cunha a variante ‘tem a vista curta’ foi categórica contabilizando 100% de ocorrência. O gráfico 7 a seguir ilustra esses dados.

Gráfico 7. Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por localidade



Fonte. Autoria própria.

Continuando, apresentamos na tabela 10 os dados organizados segundo a variável sexo.

Tabela 10. Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por sexo

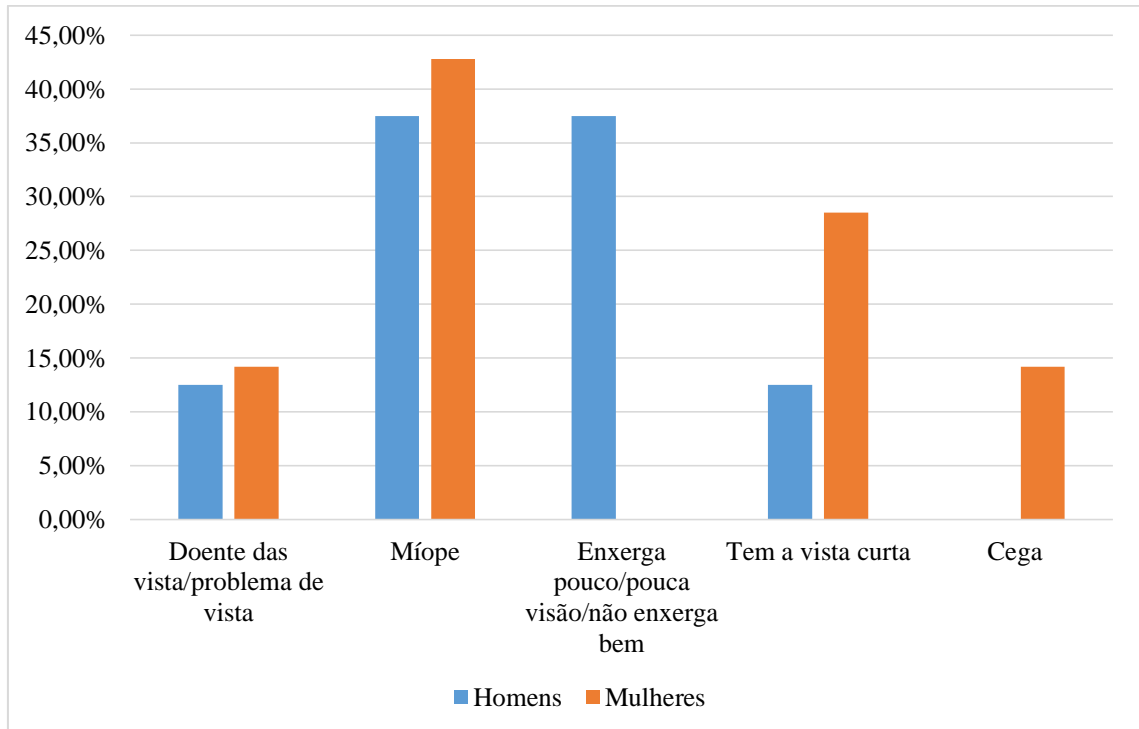
Variantes	Homens		Mulheres	
Duente das vista/problema de vista	1	12,5%	1	14,2%
Míope	3	37,5%	3	42,8%
Enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem	3	37,5%	-	-
Tem a vista curta	1	12,5%	2	28,5%
Cega	-	-	1	14,2%
Total	8	100%	7	100%

Fonte. Autoria própria.

Como podemos observar, os dados expressos na tabela 10 mostram que as lexias ‘duente das vista/problema de vista’ ocorrem na fala dos informantes de ambos os sexos, masculino e feminino, com 12,5% e 14,2%, respectivamente. As variantes ‘míope’ e ‘enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem’ tiveram o mesmo percentual de ocorrência nos informantes do sexo masculino, contabilizando 37,5%. O item ‘tem a vista curta’ aparece na fala de ambos os sexos, homens e mulheres, com 12,5% e 28,5%, com maior frequência para o sexo feminino. A lexia ‘cega’ ocorre apenas na fala de mulheres, com 14,2%. Os referidos dados podem ser melhor visualizados a seguir no gráfico 8.

Gráfico 8: Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por sexo





Fonte. Autoria própria.

Ainda sobre as respostas do QSL-93, descrevemos os dados por faixa etária na tabela 11

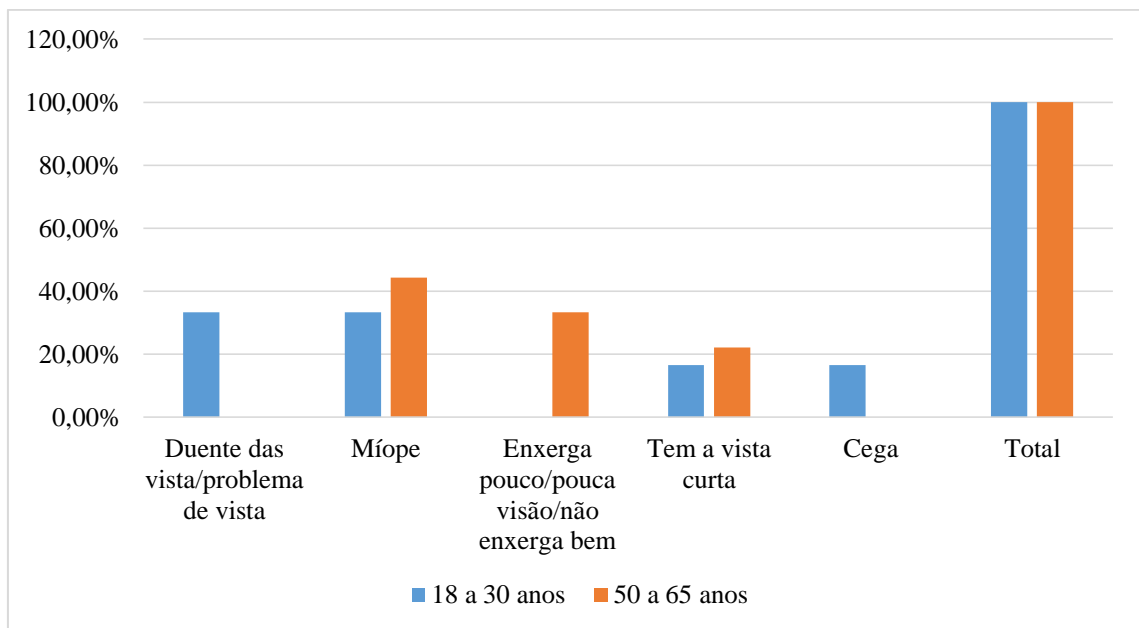
Tabela 11: Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por faixa etária

Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Count	Percentage	Count	Percentage
Duente das vista/problema de vista	2	33,3%	-	-
Míope	2	33,3%	4	44,4%
Enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem	-	-	3	33,3%
Tem a vista curta	1	16,6%	2	22,2%
Cega	1	16,6%	-	-
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>

Fonte. Autoria própria.

Os dados da tabela 11 nos permitem inferir que a lexia míope foi a mais frequente apresentando 44,4% em informantes da F2 e 33,3% em informantes da F1. As variantes ‘duente das vista/problema de vista’ aparecem somente em informantes da F1, com 33,3%. Além da variante ‘cega’ que também só aparece em informantes da F1, com 16,6%. Os termos ‘enxerga pouco/pouca visão/não enxerga bem’ ocorrem apenas em informantes da F2, com 33,3%. O item ‘tem a vista curta’ ocorre tanto na F1 quanto na F2, com 16,6% e 22,2%, nessa ordem. Essas informações podem ser vistas no gráfico 9.

Gráfico 9: Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos – Distribuição por faixa etária.



Fonte. Autoria própria.

#### 4.3.2 Análise semântica: QSL-93

Quadro 5. Dicionarização dos termos para “Pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos”

Termo/ expressão	Dicionário 1: AULETE	Dicionário 2: MICHAELIS
Duente das vista/problema de vista	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Míope	1. Que sofre de miopia.	1 MED Aquele que tem miopia.
Enxerga pouco/pouca	Sem dicionarização	Sem dicionarização

visão/não enxerga bem		
Tem a vista curta	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Cega	Privado da visão; organicamente incapaz de ver	Que ou aquele que é privado da visão

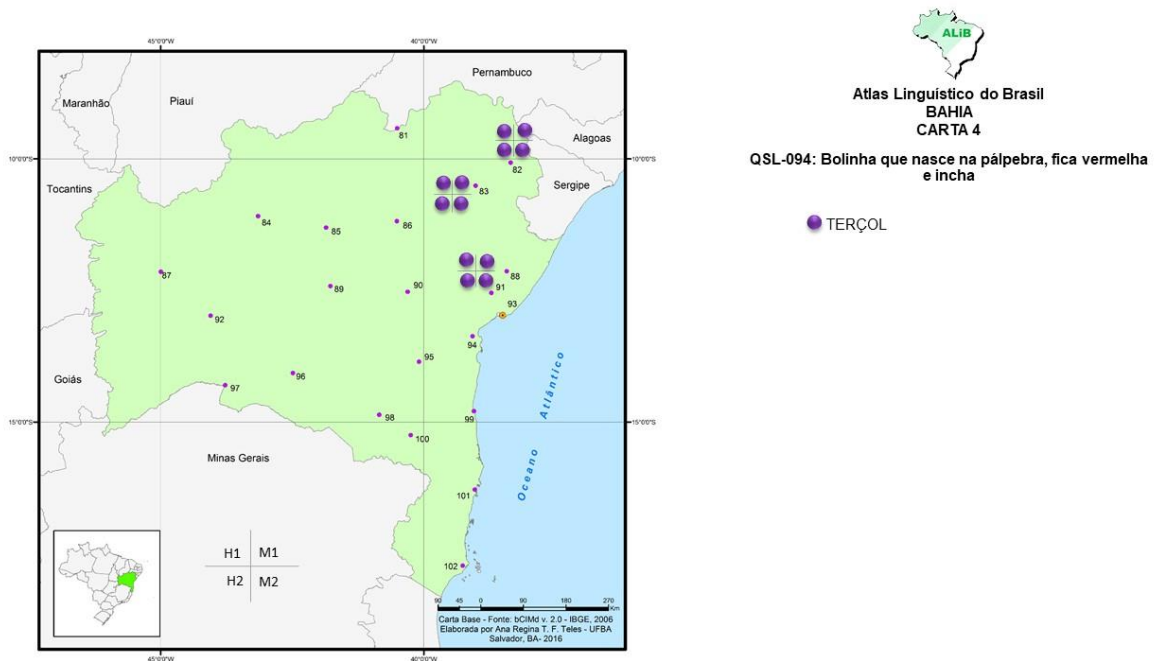
Fonte. Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)

Conforme exposto no quadro 5, estão dicionarizados o termo ‘miope’ com o sentido de ‘que sofre de miopia ou ‘a pessoa que tem miopia’ e a lexia ‘cega’ com o sentido de ‘aquele que é privado da visão, incapaz de ver. As demais lexias não foram encontradas nas obras pesquisadas.

#### 4.4 QSL-94: BOLINHA QUE NASCE NA PÁLPEBRA, FICA VERMELHA E INCHA

A figura 11 traz a carta que ilustra os resultados encontrados para essa pergunta.

Figura 11: Carta do QSL-94 “Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”



Fonte: Autoria própria.

Como pode ser observado, foi catalogada apenas a variante terçol nos dados das três cidades. Todos os informantes entrevistados responderam à pergunta. Verificamos que não

houve variação lexical quanto à denominação da enfermidade, porém ocorreram variações fonológicas: ‘terçol, treisso’.

#### 4.4.1 Descrição dos dados do QSL-94 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Os dados estão distribuídos na tabela 12, conforme a variável localidade.

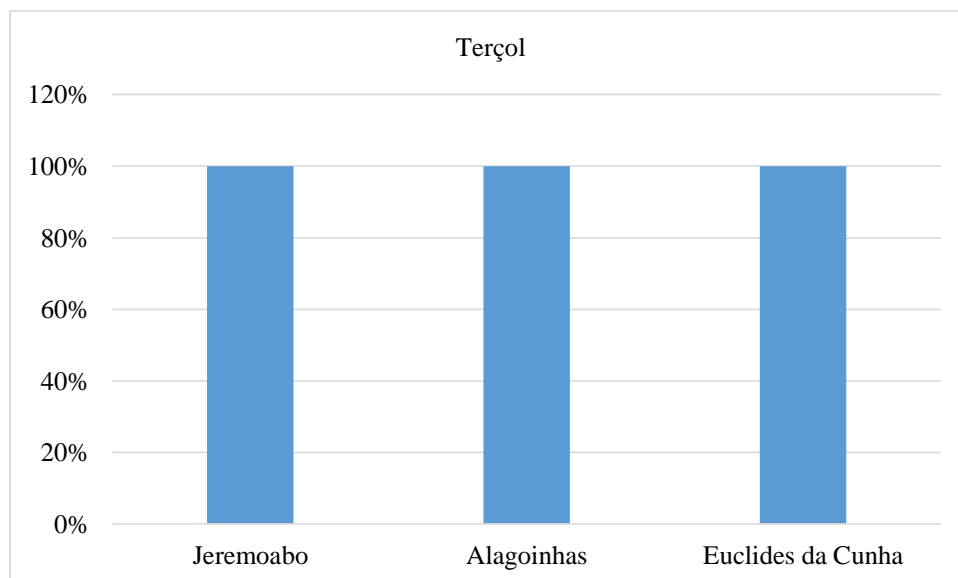
Tabela 12. Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por localidade

Variantes	Jeremoabo		Alagoinhas		Euclides da Cunha	
Terçol	4	100%	4	100%	4	100%
Total	4	100%	4	100%	4	100%

Fonte. Autoria própria.

Os dados da tabela 12 demonstram que o uso da lexia ‘terçol’ foi categórico nas três localidades investigadas, com 100% de ocorrência. Os dados estão ilustrados no gráfico a seguir 10.

Gráfico 10: Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por localidade



Fonte. Autoria própria.

A seguir apresentamos a distribuição dos dados segundo a variável sexo.

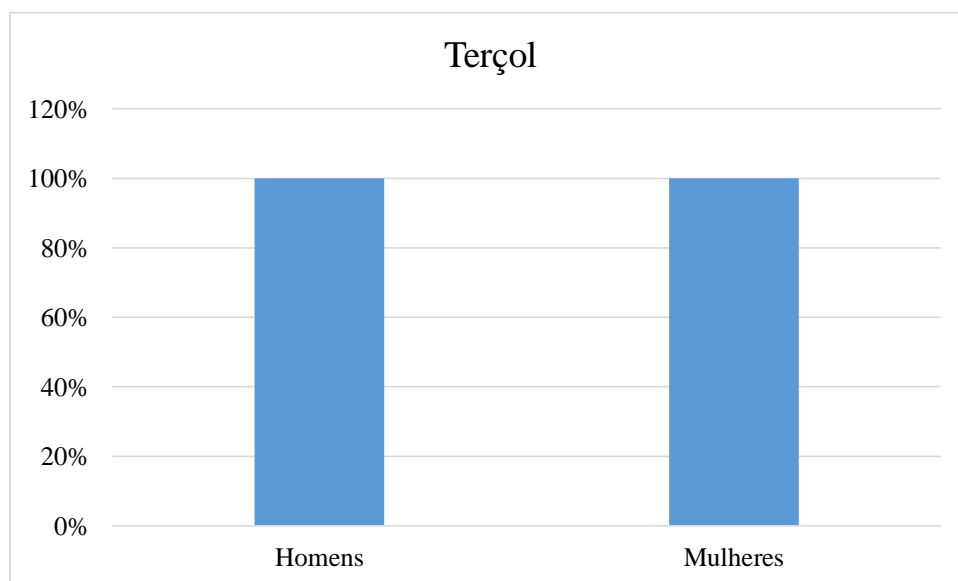
Tabela 13. Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por sexo

Variantes	Homens		Mulheres	
	Terçol	6	100%	6
Total	6	100%	6	100%

Fonte. Autoria própria.

Observamos na tabela 13 que os doze informantes entrevistados responderam ‘terçol’, contabilizando 100% de ocorrência para ambos os sexos. Pode-se observar os dados ilustrados no gráfico 11.

Gráfico 11. Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por sexo



Fonte. Autoria própria.

A seguir expomos a distribuição dos dados conforme a faixa etária.

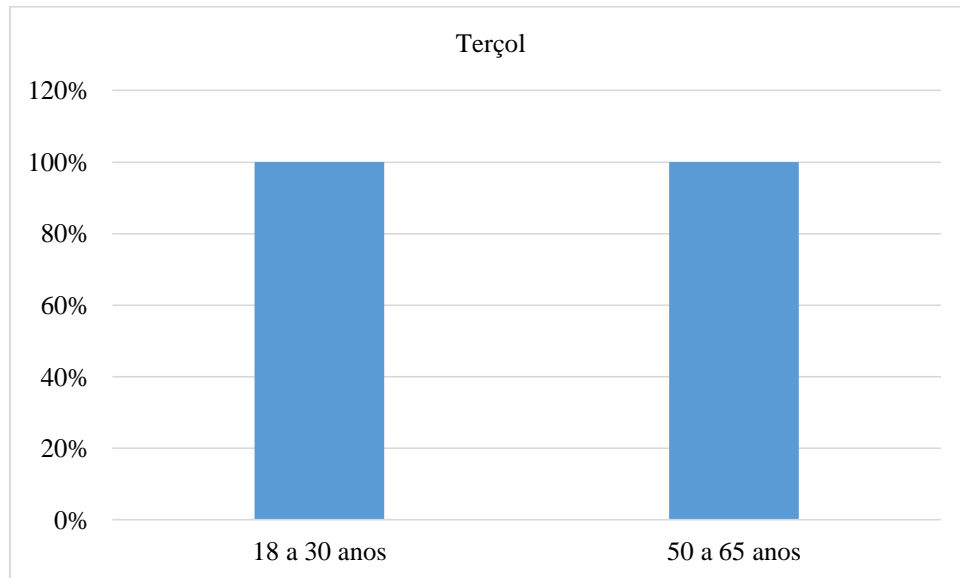
Tabela 14. Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por faixa etária

Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Terçol	6	100%	6
Total	6	100%	6	100%

Fonte. Autoria própria

A tabela 14 mostra que tanto os informantes da F1 quanto os da F2 responderam ‘terçol’ para a questão, com 100% de ocorrência. Essas informações podem ser verificadas no gráfico a seguir.

Gráfico 12. Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha – Distribuição por faixa etária



Fonte. Autoria própria.

#### 4.4.2 Análise semântica: QSL-94

Quadro 6: Dicionarização dos termos para “Bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”

Termo/ expressão	Dicionário 1: AULETE	Dicionário 2: MICHAELIS
Terçol	Pequena afecção no bordo das pálpebras; HORDEÓLO	Pequeno tumor inflamatório, na borda das pálpebras; terçolho, torçol, treçó, treçol.

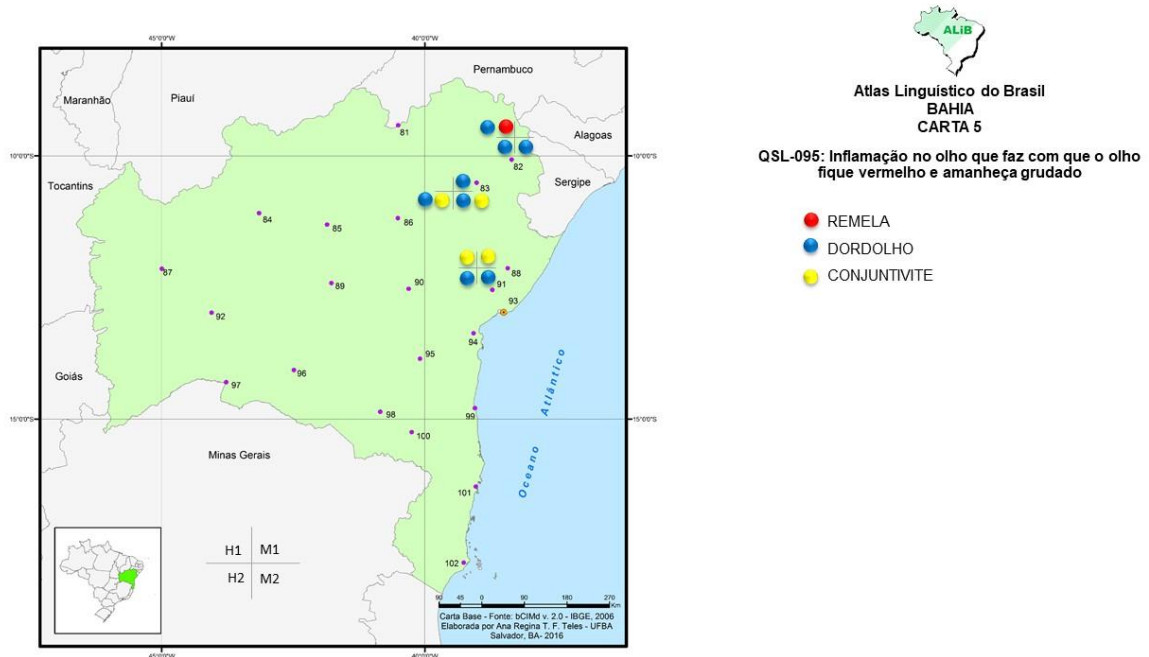
Fonte: Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)

Conforme exposto no quadro 6, a forma terçol foi encontrada nos dois dicionários pesquisados com o significado de “pequena afecção no bordo das pálpebras” e “pequeno tumor inflamatório, na borda das pálpebras”.

#### 4.5 QSL-95: INFLAMAÇÃO NO OLHO QUE FAZ COM QUE O OLHO FIQUE VERMELHO E AMANHEÇA GRUDADO

A figura 12 mostra as variantes lexicais encontradas para essa pergunta.

Figura 12. Carta do QSL-95 “inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”



Fonte.

Na cidade de Jeremoabo, catalogamos duas variantes lexicais e duas variantes fonológicas. O homem da F1 usa duas lexias, ‘remela e dordói’, o homem e a mulher da F2 utilizam a variante ‘dordolho’, e a mulher da F1 não soube nomear a enfermidade.

Em Alagoinhas, encontramos duas variantes lexicais. O homem e a mulher da F1 usam ‘conjuntivite’, o homem e a mulher da F2 utilizam ‘dordolho’.

Na cidade de Euclides da Cunha, documentamos duas variantes lexicais e duas variantes fonológicas. A mulher da F1 utiliza ‘dordoi’, o homem e a mulher da F2 usam ‘conjuntivite’ e ‘dordoio’, e a mulher da F1 não soube denominar a enfermidade.

#### 4.5.1 Descrição dos dados do QSL-95 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Dando prosseguimento, trazemos na tabela 15 a seguir a distribuição dos dados por localidade.

Tabela 15. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por localidade

Variantes	Jeremoabo		Alagoinhas		Euclides da Cunha	
Conjuntivite	-	-	2	50%	2	40%

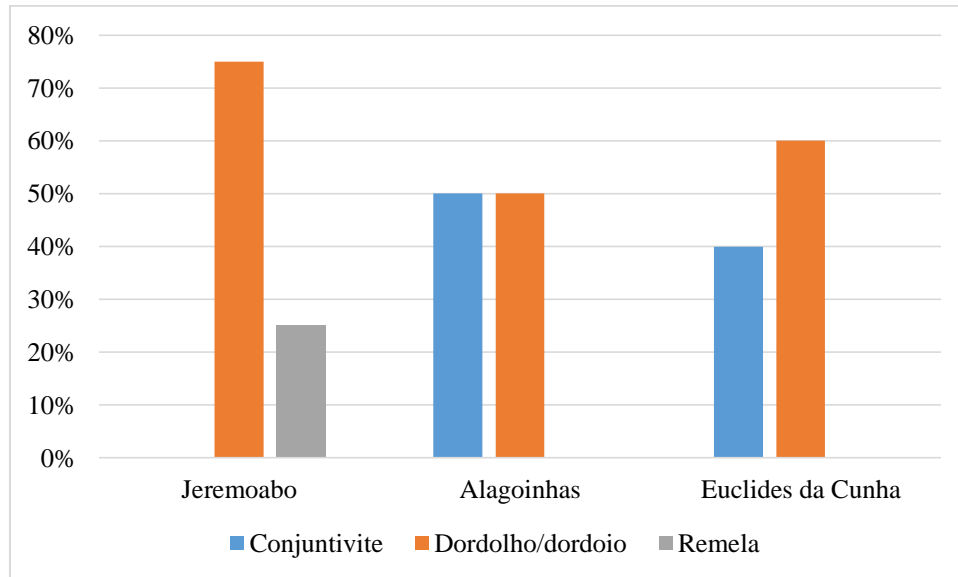
Dordolho/dordoio	3	75%	2	50%	3	60%
Remela	1	25%	-	-	-	-
Total	4	100%	4	100%	5	100%

Fonte: Autoria própria.

Os dados expressos na tabela 15 nos permitem inferir que os termos de maior frequência são Dordolho/dordoio que aparecem nas três cidades: Jeremoabo, Alagoinhas e Euclides da Cunha, contabilizando 75%, 50% e 60%, respectivamente. A unidade lexical Conjuntivite não aparece em Jeremoabo. Por outro lado, a lexia remela é documentada apenas nessa mesma cidade, ficando as outras duas cidades sem ocorrência para o referido termo. Os dados podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 13. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por localidade





Fonte. Autoria própria

Apresentamos a seguir os dados distribuídos conforme a variável sexo.

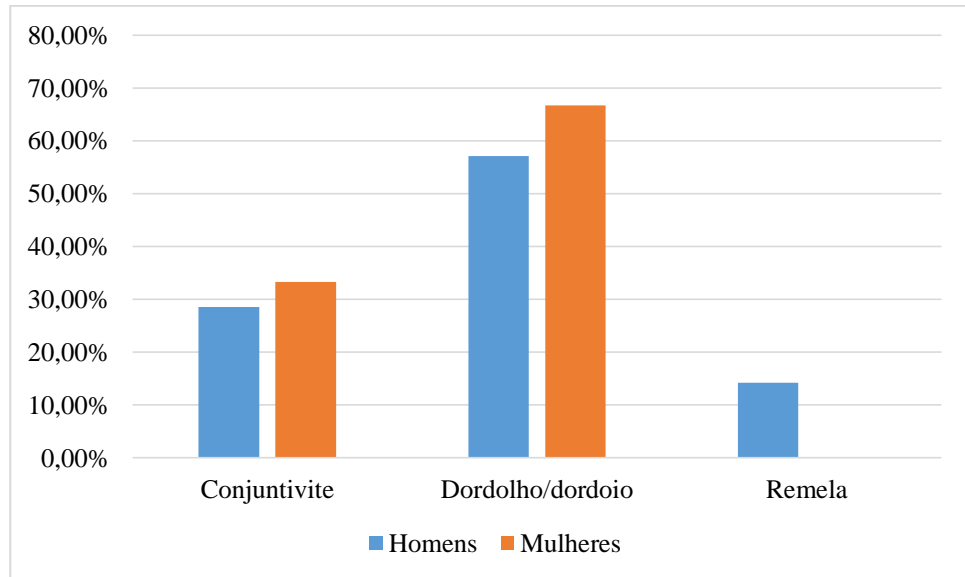
Tabela 16. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por sexo

Variantes	Homens		Mulheres	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Conjuntivite	2	28,5%	2	33,3%
Dordolho/dordoio	4	57,1%	4	66,7%
Remela	1	14,2%	-	-
Total	7	100%	6	100%

Fonte: Autoria própria.

Os dados apresentados na tabela 16 nos permitem afirmar que as lexias ‘dordolho/dordoio’ tiveram maior frequência em ambos sexos, com 66,7% para as mulheres e 57,1% para os homens. A variante ‘conjuntivite’ aparece nos dados dos informantes dos dois sexos, masculino com 28,5% e feminino, com 33,3%. Já a lexia ‘remela’ possui menor ocorrência e aparece apenas nos dados dos homens, com 14,2%. Visualizamos melhor esses resultados no gráfico 14.

Gráfico 14. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por sexo



Fonte: Autoria própria.

Continuando, trazemos os dados expostos por faixa etária.

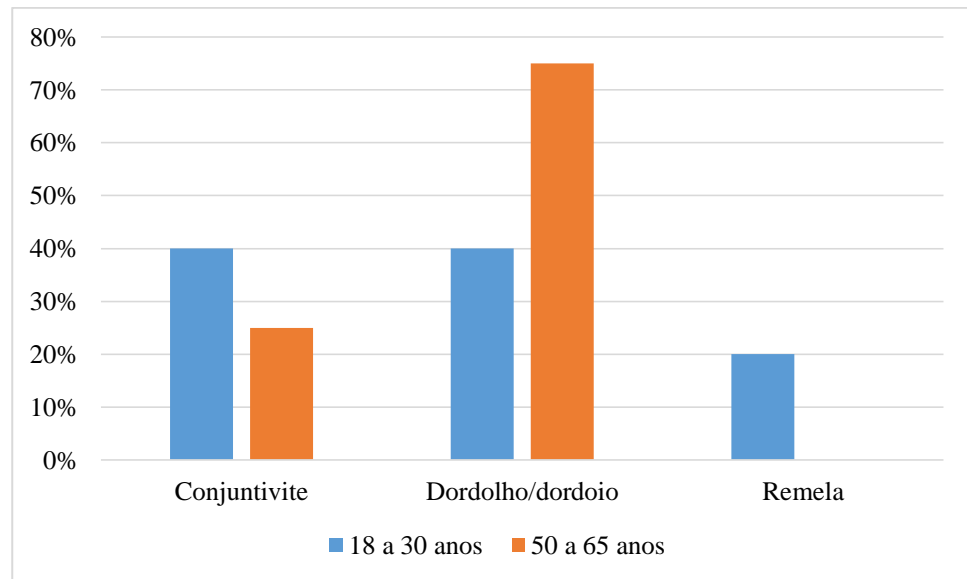
Tabela 17. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por faixa etária

Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Conjuntivite	2	40%	2	25%
Dordolho/dordoio	2	40%	6	75%
Remela	1	20%	-	-
Total	5	100%	8	100%

Fonte: Autoria própria. .

Os dados dispostos na tabela 17 demonstram que os informantes da F2 utilizam mais as variantes ‘dordolho/dordoio’ representando 75%. O item lexical remela é usado apenas por informante da F1. E a forma ‘conjuntivite’ aparece nos dados dos informantes das duas faixas etárias, com maior frequência para a F1, 40%. Já a F2 corresponde a 25% de ocorrência. Esses dados estão visualmente expressos no gráfico a seguir.

Gráfico 15. Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado – Distribuição por faixa etária



Fonte. Autoria própria.

#### 4.5.2 Análise semântica: QSL-95

Quadro 7. Dicionarização dos termos para “Inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”

Termo/ expressão	Dicionário 1: AULETE	Dicionário 2: MICHAELIS
Conjuntivite	1. Pat. Inflamação da conjuntiva, ger. com produção de secreções.	MED Inflamação da conjuntiva, caracterizada por congestão da mucosa e produção de secreções.
Dordolho/dordoio	Qualquer afecção ocular infecciosa, como a conjuntivite, a blefarite etc.; DOR DE OLHOS	Sem dicionarização
Remela	1. Secreção amarelada que se acumula nas bordas das pálpebras, ger. pela manhã, ou em casos de alguma doença nos olhos, esp. nos pontos lacrimais.	Secreção de cor amarelada ou esbranquiçada que, em geral, se aglomera nos pontos lacrimais ou nos bordos da conjuntiva.

Fonte. Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)

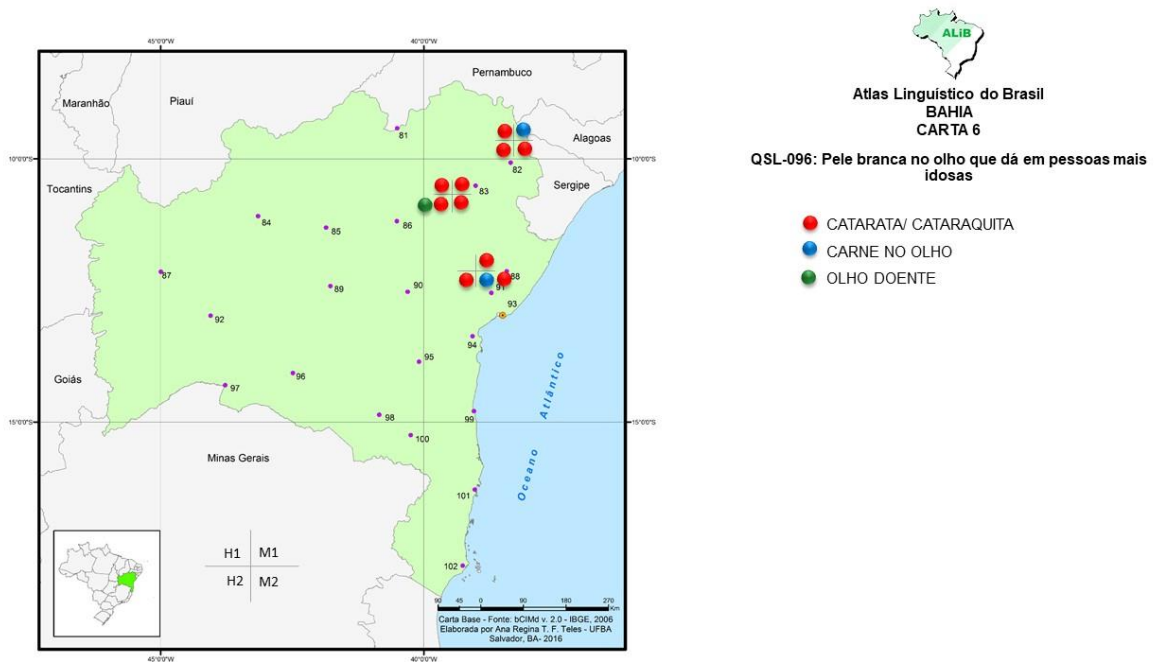
No quadro 7, são apresentados os termos descritos nos dicionários. A lexia conjuntivite foi encontrada nas duas obras significando “Inflamação da conjuntiva, ger. com produção de

secreções”. As formas Dordolho/dordio foi encontrada apenas do dicionário Aulete, com o sentido de “Qualquer afecção ocular infecciosa, como a conjuntivite, a blefarite”. A lexia remela foi encontrada nos dois dicionários pesquisados com o significado de “secreção amarelada que se acumula nas bordas das pálpebras”.

#### 4.6 QSL-96: PELE BRANCA NO OLHO QUE DÁ EM PESSOAS MAIS IDOSAS

No conjunto das respostas obtidas para essa questão, encontramos três variantes lexicais: ‘catarata/cataraquita’; ‘carne no olho’; ‘olho doente’. Decidimos agrupar as variantes fonético-fonológicas ‘catarata e cataraquita’, já que o foco deste trabalho é realizar um estudo semântico-lexical. Os dados documentados para essa questão estão expressos na carta da figura 13 a seguir.

Figura 13. Carta do QSL-96 “Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”



Fonte: Autoria própria

Constatamos que na localidade de Jeremoabo foram encontradas duas variantes lexicais e duas variantes fonológicas. O homem da F1 utiliza ‘cataraca’, a mulher da mesma faixa etária usa ‘carne no olho’, o homem e a mulher da F2 usam a mesma variante, ‘catarata’. Já na cidade de Alagoinhas, catalogamos duas variantes lexicais.

A mulher da F1 e o homem da F2 usam ‘catarata’, a mulher da F2 utiliza também ‘catarata’ e ainda o termo ‘carne no olho’. O homem da F1 não soube designar a enfermidade.

Em Euclides da Cunha, documentamos três variantes lexicais. O homem e a mulher da F1 usam ‘catarata’, o homem da F2 utiliza dois termos, também ‘catarata’ e ainda ‘olho doente’ e a mulher da F2 utiliza ‘cataraquita’.

#### 4.6.1 Descrição dos dados do QSL-96 nas variáveis localidade, sexo e faixa etária

Tabela 18. Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por localidade

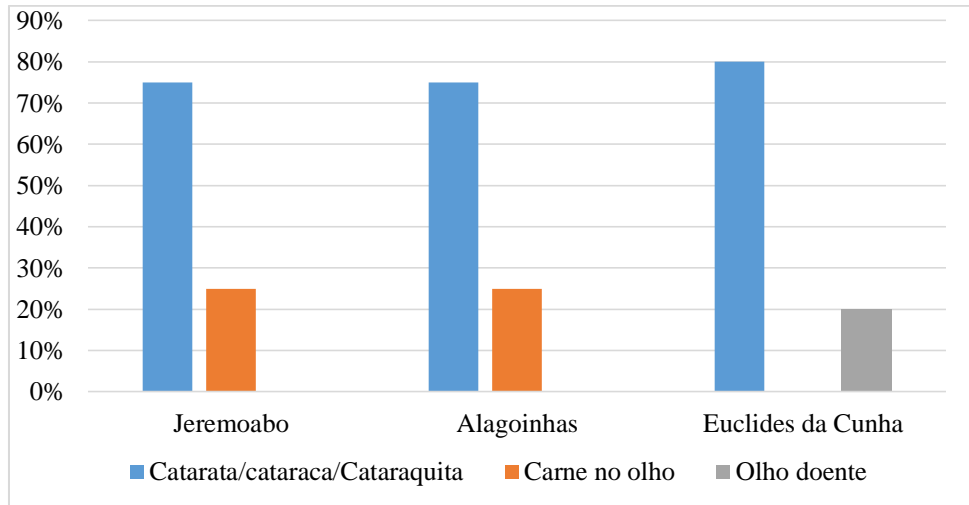
Variantes	Jeremoabo		Alagoinhas		Euclides da Cunha	
Catarata/cataraca/Cataraquita	3	75%	3	75%	4	80%
Carne no olho	1	25%	1	25%	-	
Olho doente	-	-	-	-	1	20%
Total	4	100%	4	100%	5	100%

Fonte. Autoria própria.

Estão dispostos na tabela a seguir os dados documentados segundo a variável localidade.

Os dados da tabela 18 mostram que as variantes mais frequentes são ‘catarata/cataraca/Cataraquita’, com 80% em Euclides da Cunha e 75% em Jeremoabo e Alagoinhas. O item lexical ‘carne no olho’ aparece nos dados de Jeremoabo e Alagoinhas com o mesmo percentual de ocorrência, 25%. E a variante ‘olho doente’ só ocorre em Euclides da Cunha, com 20%. Essas informações podem ser vistas no gráfico 16.

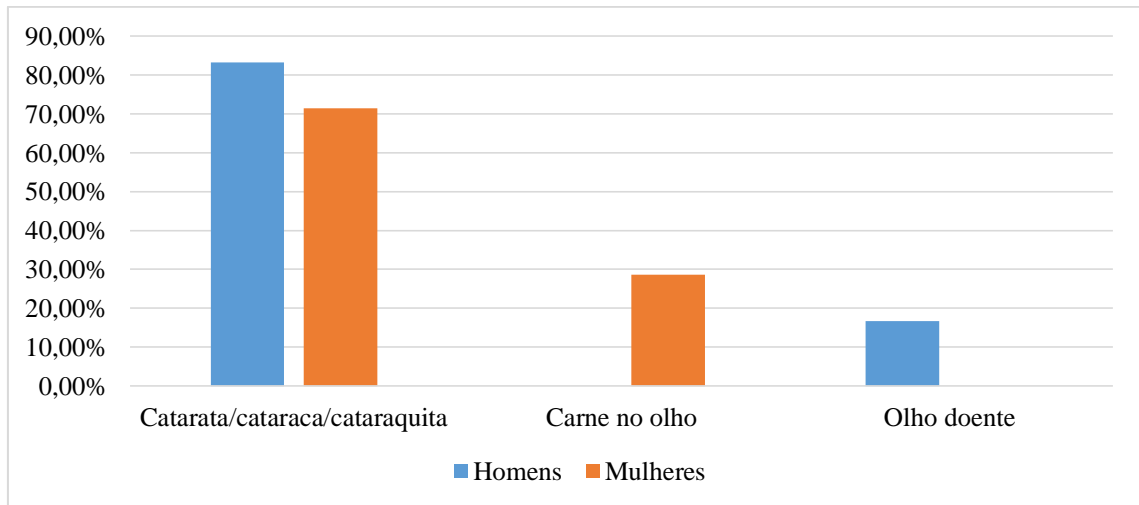
Gráfico 16. Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por localidade



Fonte. Autoria própria.

Na distribuição por sexo, as lexias mais frequentes são ‘catarata/cataraca/cataraquita’ para ambos os sexos, 83,3% para os homens 71,4% para as mulheres. A variante ‘carne no olho’ é utilizada somente pelas mulheres, com 28,6%. E a lexia ‘olho doente’ é usado apenas pelo sexo masculino, com 16,7%. Esses dados são apresentados no gráfico a seguir.

Gráfico 17: Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por sexo



Fonte. Autoria própria.

Tabela 19: Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por sexo

Variantes	Homens		Mulheres	
	Catarata/cataraca/cataraquita	5	83,3%	5
Carne no olho	-	-	2	28,6%
Olho doente	1	16,7%	-	-
Total	6	100%	7	100%

Fonte. Autoria própria

Na distribuição por sexo, as lexias mais frequentes são ‘catarata/cataraca/cataraquita’ para ambos os sexos, 83,3% para os homens 71,4% para as mulheres. A variante ‘carne no olho’ é utilizada somente pelas mulheres, com 28,6%. E a lexia ‘olho doente’ é usado apenas pelo sexo masculino, com 16,7%. Esses dados são apresentados no gráfico a seguir.

Quanto à variável faixa etária, apresentamos os dados na tabela 20.

Tabela 20: Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por faixa etária

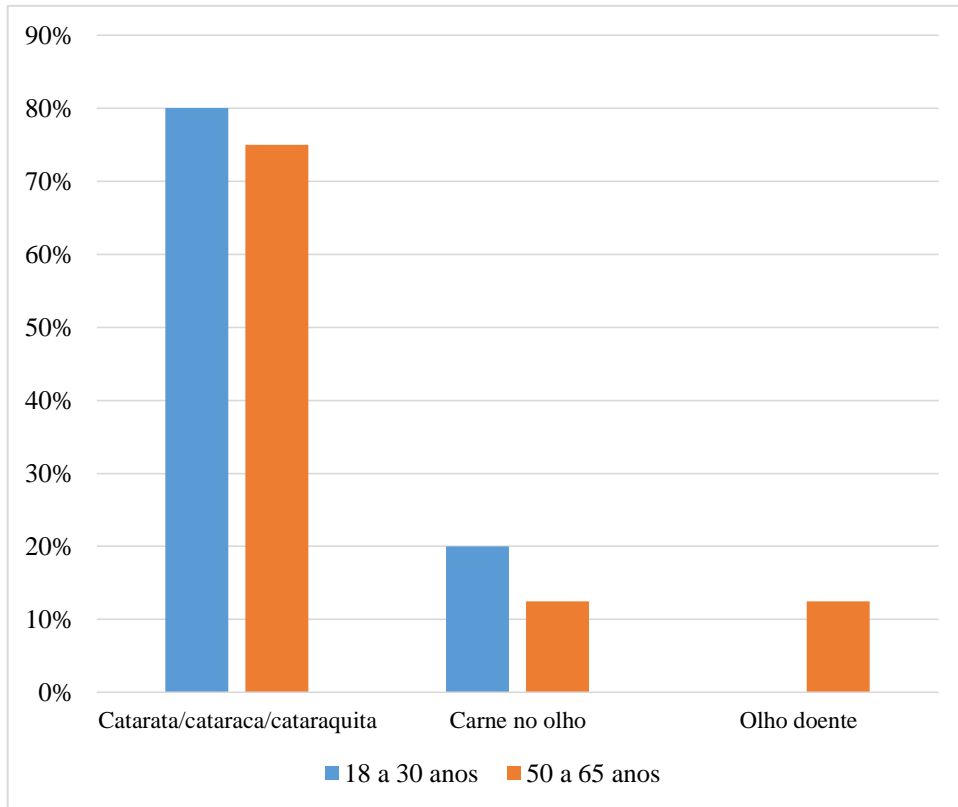
Variantes	18 a 30 anos		50 a 65 anos	
	Catarata/cataraca/cataraquita	4	80%	6
Carne no olho	1	20%	1	12,5%
Olho doente	-	-	1	12,5%
Total	5	100%	8	100%

Fonte. Autoria própria.

Os dados da tabela 20 da distribuição por idade mostram que as lexias ‘catarata/cataraca/cataraquita’ obtiveram uma maior frequência tanto em informantes da F1 quanto em informantes da F2, com 80% e 75%, respectivamente. O item ‘carne no olho’ teve uma ocorrência para cada faixa etária, contabilizando 20% para a F1 e 12,5% para a F2. A

variante ‘olho doente’ apareceu em uma ocorrência da F2, com 12,5%. As informações podem ser visualizadas no gráfico 18 a seguir.

Gráfico 18: Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas – Distribuição por faixa etária



Fonte. Autoria própria.

#### 4.6.2 Análise semântica: QSL-96

Quadro 8: Dicionarização dos termos para “Pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”

Termo/ expressão	Dicionário 1: AULETE	Dicionário 2: MICHAELIS
Catarata/cataraca/cataraquita	2. Med. Região opaca no cristalino (a lente do olho) ou em sua membrana envoltória, que prejudica a visão.	2 MED Opacidade parcial ou total do cristalino, ou da sua membrana, que impede a chegada dos raios luminosos à retina
Carne no olho	Sem dicionarização	Sem dicionarização
Olho doente	Sem dicionarização	Sem dicionarização

Fonte: Adaptado de Aulete e Michaelis (2021)



As informações expostas no quadro 6 trazem os termos encontrados nos dicionários. Das formas pesquisadas, foram encontradas as lexias ‘catarata/cataraca/cataraquita’ com o significado de “região opaca no cristalino (a lente do olho) ou em sua membrana envoltória, que prejudica a visão”. As formas ‘carne no olho e olho doente’ não estão registradas nas obras pesquisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de dissertação, propomos realizar a descrição e sistematização das variantes terminológicas de enfermidades oculares. O corpus do estudo foi constituído por doze informantes, sendo quatro entrevistados em cada uma das localidades: Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo. Foram selecionadas essas cidades, já que são cidades próximas ao estado de Sergipe e buscamos investigar se há um *continuum* linguístico entre essas cidades e outras localidades do referido estado. Analisamos seis perguntas do QSL, 91 à 96, da área semântica do Corpo Humano, do Projeto ALiB. Para a análise, foram consideradas as variáveis socioculturais sexo, localidade e faixa etária. Salientamos que a variável escolaridade não foi considerada, pois não trabalhamos com dados coletados nas capitais brasileiras.

Retomando as perguntas que nortearam o presente estudo, alcançamos os seguintes resultados:

- a) Quais variáveis socioculturais são produtivas para a escolha lexical dos participantes?

Constatamos com esta investigação, que as variáveis sexo e faixa etária foram as que mais favoreceram o uso das lexias, haja vista que os informantes do sexo masculino utilizaram maior variedade de termos para designar as enfermidades, ou seja, os homens usavam duas ou mais denominações diferentes para responder a uma mesma questão. Além disso, verificamos que os falantes mais velhos, da faixa etária II utilizaram-se de expressões metafóricas e metonímicas para nomear as enfermidades oculares. Apresentaremos adiante as expressões catalogadas.

- c) Quais são as divergências conceptuais encontradas entre os termos usados pelos participantes da pesquisa e as lexias registradas nos dicionários?

Verificamos que muitas formas linguísticas utilizadas pelos participantes não corresponderam às lexias registradas nos dicionários. A variante ‘estrábico’, por exemplo, usada pela Medicina e descrita nos dicionários para designar ‘pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes’ não aparece como resposta na fala dos participantes. A lexia ‘nafo’ que aparece na fala de um participante está registrada em dicionário, porém não faz referência à enfermidade ocular, mas sim à ‘pessoa que tem o ombro caído’. A variante ‘doca’ vai aparecer tanto na fala dos participantes, quanto nos dicionários, porém, nos dicionários possui significado diferente, usado para designar o local de um porto, no qual os navios desembarcam. A lexia ‘merolho’ aparece na fala de um participante, mas não está registrada nos dicionários. A lexia ‘terçol’ foi categórica nas três localidades analisadas, sendo também

encontrada nos dicionários. A forma ‘caolho’

Observamos que os participantes responderam as perguntas utilizando-se de expressões metafóricas como: ‘pouca visão’, ‘tem a vista curta’, ‘carne no olho’, ‘nafo’, ‘doca’, ‘olho torto’, ‘problema de vista’, ‘enxerga pouco’, ‘alejado’. Além de expressões metonímicas como: ‘olho fechado’, ‘duente das vista’, ‘não enxerga bem’, ‘remela’, ‘olho doente’. Percebemos então, a criatividade dos participantes na utilização de um determinado conceito para entender outro a partir de suas experiências com o uso da língua, fazendo surgir metáforas e metonímias para designar as enfermidades oculares.

Pensando na relação entre médico e paciente, questionamos se há uma interação comunicativa efetiva entre ambos, já que as formas ou expressões utilizadas pela população, muitas vezes, não correspondem aos termos descritos nos dicionários e pela literatura médica. Este trabalho busca, portanto, promover a valorização da fala popular e traz contribuições para os estudos do léxico no português brasileiro acerca do tema das enfermidades oculares, mostrando que a variação está presente também em áreas de especialidade, como a Oftalmologia. Longe de trazer conclusões, este estudo aventa questionamentos que podem ser pautas em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- AULETE DIGITAL. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2021.
- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário**. 4.ed. São Paulo. HUCITEC; INL, 1982 .1920.
- ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br). Acesso em: 10 ago. 2020.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba. Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. de A. (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1ª ed., São Paulo: Parábola, 2017.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Modelos em lexicologia**. *Revista Língua e Literatura*. São Paulo, n. 9, 1980.
- BRANDÃO, Sílvia. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa, São Paulo, n. 40, 1996.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo. Contexto, 2014.
- CABRÉ, M. Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Institut Universitari de Linguística Aplicada. Barcelona: Documenta Universitaria , 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México. ALFAL, 1982.
- CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA BAHIA. Disponível em: <https://www.cremeb.org.br/>. Acesso em: 15/ago. 2020.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FAULSTICH, Enilde. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. Ciência da Informação. Vol 24, n. 3, 1995.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 12 set. 2021.

ISQUERDO, A. N. (org.) **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil e Portugal**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**. 2ª ed., São Paulo: Edit. Nacional, 1945.

MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología general e hispanoamericana: Orientación teórica, metodológica y bibliográfica**. Bogotá: ICC, 1987.

MICHAELIS ON-LINE. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 05 ago. 2021.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2ª ed. Completamente Refundida, Rio de Janeiro. Organização Simões. 1953.

NUNES, Juliany Fraide. **Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semântica e geossociolinguística**. 2017. 258f. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

PAIM, Marcela Moura Torres. **As designações de conjuntivite no dados do Projeto ALiB: revelações diageracionais**. Working Papers em Linguística (Online), Londrina, v. 2, p. 146-155, abr./jul. 2013.

REIS, Camila dos Santos. **Variações terminológicas de enfermidades oculares no Projeto Atlas Linguístico do Brasil: um estudo léxico-semântico dos dados sergipanos**. 2020. 115f. Dissertação de Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Cristóvão, 2020.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 752f. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Balanço Crítico da Geolinguística e a proposição de uma divisão**. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE OFTALMOLOGIA. Disponível em:  
<https://www.sboportal.org.br>. Acesso em: 05 jul. 2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. São Paulo. Parábola, 2006.